

**9.º ANO**  
**1.º TRIMESTRE**

# **FILOSOFIA**

**Professor Fábio Luiz de Almeida Mesquita**

**2018**



# SUMÁRIO

Apresentação.....	5
Objetivos .....	6
Competências da área (Matriz de Referência do Enem) .....	7
Eixo estruturante da área .....	8
Fundamentos da Filosofia – Eixo Temático e Conteúdos .....	9
Planejamento das aulas – duas aulas semanais .....	10
Texto 1 – Livro: <i>Os Problemas da Filosofia</i> .....	11
Texto 2 – Que é esclarecimento ( <i>Aufklärung</i> )? 1784.....	19
Texto 3 – Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão .....	27
Texto 4 – <i>O Mal-Estar na Civilização</i> .....	32
Texto 5 – O avesso do sujeito: provocações de Foucault para pensar os direitos humanos .....	41
Texto 6 – O mito de Sísifo e sua conotação contemporânea .....	53
Exercícios – Questões de vestibulares relacionadas aos conteúdos estudados durante o trimestre .....	56
Gabarito.....	68



# Apresentação

Este curso de Filosofia tem como objetivo central introduzir os alunos do 9.º Ano na Filosofia, componente curricular que os acompanhará durante todo o Ensino Médio. Essa introdução se faz a partir de três grandes eixos temáticos: O MUNDO, O EU e O OUTRO (um em cada trimestre). Queremos mostrar que a filosofia está viva, faz parte do nosso dia a dia e nos ajuda a pensar sobre o que acontece ao nosso redor. Esses temas filosóficos serão explorados a fim de que o aluno, no final do ano, tenha explorado o universo, a natureza, a cultura, “o mundo” em que vive; pensado sobre a construção de sua própria identidade (o eu) e refletido sobre sua relação com o próximo (o outro).

Ao mesmo tempo em que exploramos esses temas, vamos conhecer a história da filosofia grega, por isso refletiremos sobre os pensamentos dos seguintes filósofos:

- Pré-socráticos (escola filosófica)
- Sofistas (escola filosófica)
- Sócrates
- Platão
- Aristóteles
- Epicuro
- Estoicos (escola filosófica)
- Cínicos (escola filosófica)
- Pirrônicos (escola filosófica)

Apesar de o foco principal ser a filosofia antiga, também estudaremos outros pensadores ao longo do curso:

- Albert Camus
- Bertrand Russell
- Immanuel Kant
- Michel Foucault
- Sigmund Freud

## ■ OBJETIVOS

O primeiro objetivo é introduzir os alunos na filosofia e no filosofar a partir de indagações críticas, próprias da existência humana. Em certos momentos da existência, podemos fazer os seguintes questionamentos: Quem sou eu e qual o sentido da minha vida? Quem são os outros que partilham suas existências comigo? O que é o mundo, sua origem, seu funcionamento, sua razão de ser? Nesse sentido, todos nós já filosofamos, apesar de não nos darmos conta disso. Introduzir a filosofia como parte inerente a nossas vidas, eis o nosso objetivo. O filósofo italiano Antonio Gramsci acreditava que todos nós somos de certa forma filósofos, na medida em que nos colocamos naturalmente questões de ordem filosófica. Estamos sempre sentindo as coisas e, diante dos problemas apresentados pelo existir, tendemos para a reflexão, a não ser quando submetidos a uma formação autoritária e doutrinadora. Acreditamos que todo ser humano, qualquer que seja sua escolha profissional ou seu estilo de vida, deveria desenvolver sua capacidade de “pensar bem”, de forma coerente e crítica. Esse é o segundo objetivo do componente curricular no ano, desenvolver e valorizar o pensamento crítico, lógico, racional, estruturado e rigoroso. Talvez alguns possam contra-argumentar que todos os componentes curriculares são igualmente capazes de desenvolver o pensamento crítico, verdade que não pode ser negada. Não tentamos tampouco dar à filosofia uma prerrogativa de superioridade sobre os outros saberes. Apenas destacamos a especificidade que a diferencia de todas as outras formas de compreender o real. A reflexão filosófica, diferentemente de cada ciência particular ou das demais formas de saber, não tem um objetivo próprio, mas indaga sobre todas as coisas, questiona sobre suas essências, seus fundamentos, seus sentidos.

Com perguntas que fazem parte inerente de nossas vidas e objetivando o pensamento crítico, essa introdução à filosofia se dará, ao mesmo tempo, de três formas complementares:

1. **Problemas filosóficos – *problem-based learning* (PBL):**
  - Quem sou eu e qual o sentido da minha existência? (EU – IDENTIDADE)
  - Quem são os outros que partilham suas vidas comigo? (OUTRO – ALTERIDADE)
  - O que é o mundo, sua origem, seu funcionamento, sua razão de ser? (MUNDO – COSMOLOGIAS / METAFÍSICA)
2. **Temas filosóficos:** o eu (identidade), o outro (alteridade) e o mundo (metafísica e física / espírito e matéria)
3. **História da filosofia:** Enfoque maior na filosofia antiga – pré-socráticos, sofistas, Sócrates, Platão, Aristóteles, Epicuro, estoicos, pirrônicos e cínicos. No entanto, abordaremos também outros pensadores, como por exemplo: Bertrand Russell, Sigmund Freud, Michel Foucault, Immanuel Kant e Albert Camus.

## ■ COMPETÊNCIAS DA ÁREA (MATRIZ DE REFERÊNCIA DO ENEM)

### MATRIZ DE REFERÊNCIA PARA O ENEM 2011

#### Matriz de Referência de Ciências Humanas e suas Tecnologias

- H1** – Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.
- H2** – Analisar a produção da memória pelas sociedades humanas.
- H11** – Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.
- H13** – Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.
- H15** – Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da história.
- H22** – Analisar as lutas sociais e conquistas obtidas no que se refere às mudanças nas legislações ou nas políticas públicas.
- H23** – Analisar a importância dos valores éticos na estruturação política das sociedades.
- H24** – Relacionar cidadania e democracia na organização das sociedades.
- H25** – Identificar estratégias que promovam formas de inclusão social.

## ■ EIXO ESTRUTURANTE DA ÁREA

### FENÔMENO: HUMANO E SOCIAL

O conceito fenômeno é compreendido pela filosofia de diversas maneiras, respeitando-se tempo e espaço de sua elaboração. Como exemplo, citamos Descartes (*Principia Philosophiae*, 1644, III, 4), Bacon (*De interpretatione naturae proemium*, 1603), Galileu (*Dialogo sopra i due massimi sistemi del mondo*, 1624) e Hobbes (*De corpore*, 1655, 25, parág. 1), que conceberam o fenômeno como sinônimo de aparência, daquilo que é observável, que pode ser visto, objetos sensorialmente percebidos. De modo distinto, em Kant, o fenômeno é dado como oposto à coisa em si, essência incognoscível do mundo (númeno). Na filosofia kantiana, tal conceito não se restringe àquilo que se manifesta, mas é aquilo que se manifesta ao homem nas condições limitativas de seu próprio conhecimento (tempo, espaço e categorias do intelecto). Tudo aquilo que extrapola tais limites e não possui relação entre o sujeito e o objeto recai no campo da mera especulação filosófica.

Nesse cenário complexo e conflitante, faz-se necessário especificar o que entendemos por fenômeno e explicar a razão de ele ser o nosso eixo estruturante. Nosso ponto de apoio se encontra na filosofia contemporânea, em Husserl (*Investigações Lógicas – 1900-1901*), que define o fenômeno não só como o que aparece ou se manifesta ao homem em condições particulares, mas também como aquilo que aparece ou se manifesta em si mesmo, como é em si, na sua essência. Desse modo, enquanto eixo estruturante, o fenômeno é compreendido de modo fenomenológico, ou seja, os fenômenos são objetos revelados, manifestos e devem ser estudados levando em consideração sua essência, em si mesmos. Merleau-Ponty (*Phénoménologie de la Perception, Préface*, 1945) define a fenomenologia como “o estudo das essências, e todos os problemas, segundo a fenomenologia, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua facticidade (particularidade)”.

Por essa razão, tratar o eixo estruturante de nossas disciplinas com a palavra “fenômeno”, especificamente, o “humano” e o “social”, é lançar luz aos estudos dos conhecimentos que se fazem presentes nos fatos manifestos e, ao mesmo tempo, às essências daquilo que nos aparece. Nosso foco serão os fenômenos humanos e sociais, isto quer dizer, analisaremos temas como ciência, estética, lógica, cultura, antropologia, psicologia, sociologia, filosofia, história, religião, mitologia, natureza etc. Não nos restringimos ao mero aparente, pois se fizéssemos isso nos reduziríamos àquilo que se manifesta. Vamos além disso. Preocupamo-nos em conhecer o mundo por aquilo que nos é dado como fato religioso, social e filosófico, mas não apenas isso, queremos, principalmente, investigar a essência, aquilo que não está posto, não manifesto e que possui importância fundamental na compreensão de si próprio, do outro e do mundo.



# 1

## Fundamentos da Filosofia – Eixo Temático e Conteúdos

### **INTRODUÇÃO À FILOSOFIA E AO FILOSOFAR** (“Fenômeno: humano e social” específico da série)

Entendida enquanto fenômeno humano e social, a filosofia é foco desse momento em que os alunos fazem seu primeiro contato com esse componente curricular. Objetiva-se, aqui, introduzir à filosofia e ao filosofar de modo natural, não forçado; que os próprios alunos sintam a filosofia em suas vidas; que se percebam como “pequenos filósofos”, não em relação ao tamanho físico, mas diante da dimensão e da complexidade de suas abstrações e criticidades. O estudo dos “grandes filósofos” se tornam essenciais para ampliarmos a nossa visão de mundo, dos outros e de nós mesmos. Bertrand Russel acreditava que o valor da filosofia residia em analisar o “não eu”, todo pensamento/filosofia ou pessoa que pensa diferente em relação ao eu. O alargamento do eu se daria a partir do “não eu”. Quanto mais “não eus” estudarmos, maior será a nossa compreensão dos outros e do mundo.

### **O EU, O OUTRO E O MUNDO – FILOSOFIA ANTIGA** (“Fenômeno: humano e social” específico da série)

A introdução da filosofia pode se dar também a partir de temas filosóficos específicos, por isso, analisaremos ao longo do ano um tema em cada trimestre: o EU, o OUTRO e o MUNDO. Todos são fenômenos e foco deste componente curricular ao longo do ano. O EU e o OUTRO serão analisados a partir das reflexões de Albert Camus, Bertrand Russell, Immanuel Kant, Sigmund Freud, Sócrates, Platão, Aristóteles e das correntes filosóficas do período helenístico (epicurismo, estoicismo, cinismo e pirronismo). O MUNDO será estudado a partir das reflexões produzidas pelas mitologias e pelas filosofias pré-socráticas.

## ■ PLANEJAMENTO DAS AULAS – DUAS AULAS SEMANAIS

- Aula 1** – Introdução à filosofia a partir dos seguintes conceitos: eu, não eu, mundo, outros, senso crítico, espanto, admiração, dúvida, questionamento, engajamento, perda da ingenuidade, despertar, pluralidade de interpretações do real, *bullying*.
- Aula 2** – Introdução à filosofia a partir da reflexão da pergunta “Quem sou eu?”. Análise dos principais conceitos presentes no texto de **Bertrand Russell**, *O valor da Filosofia*.
- Aula 3** – Conceitos/ideias: eu, não eu, alargamento do eu, consciência alargada, percepção dos outros, o outro que se manifesta como diferente mim, amor, ódio, fatos, evidências e *bullying*. Análise de vídeo e texto de **Bertrand Russell**.
- Aula 4** – Introdução à filosofia a partir do texto de Immanuel **Kant**: “*O que é esclarecimento?*”. Menoridade, maioridade, autonomia, ignorância, liberdade, consciência e drogas (lícitas e ilícitas).
- Aula 5** – Continuação da aula anterior. Análise de texto de Immanuel **Kant**. Utilização de recursos audiovisuais para ilustrar os principais conceitos presentes no texto de **Kant**.
- Aula 6** – Continuação da aula anterior. Análise de texto de Immanuel Kant. Utilização de recursos audiovisuais para ilustrar os principais conceitos presentes no texto de **Kant**.
- Aula 7** – Análise de vídeo sobre **Albert Camus**. Introdução à filosofia a partir dos principais conceitos do existencialismo: engajamento, liberdade, responsabilidade, escolhas etc.
- Aula 8** – Introdução à filosofia a partir da pergunta “quem sou eu?” e da obra de **Camus**: *O mito de Sísifo* – gratuidade da vida.
- Aula 9** – Introdução à filosofia a partir da pergunta “quem sou eu?” e da obra de **Camus**: *O mito de Sísifo* – gratuidade da vida.
- Aula 10** – Introdução à filosofia a partir da pergunta “quem sou eu?” e da obra de **Camus**: *O mito de Sísifo* – gratuidade da vida.
- Aula 11** – Introdução à filosofia a partir da reflexão da pergunta “quem sou eu?” e do pensamento de **Freud**.
- Aula 12** – Introdução à filosofia a partir da reflexão da pergunta “quem sou eu?” e do pensamento de **Freud**.
- Aula 13** – Introdução à filosofia a partir da reflexão da pergunta “quem sou eu?” e do pensamento de **Freud**.
- Aula 14** – Introdução à filosofia a partir de uma análise crítica sobre os Direitos Humanos – Interpretação crítica de **Michel Foucault**.
- Aula 15** – Introdução à filosofia a partir de uma análise crítica sobre os Direitos Humanos – Interpretação crítica de **Michel Foucault**.
- Aula 16** – Introdução à filosofia a partir de uma análise crítica sobre os Direitos Humanos – Interpretação crítica de **Michel Foucault**.

## ■ TEXTO 1 – LIVRO: OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA

Bertrand Russell, 1912, Oxford University Press, 1959.  
Tradução: Jaimir Conte.

### Capítulo XV – O Valor da Filosofia

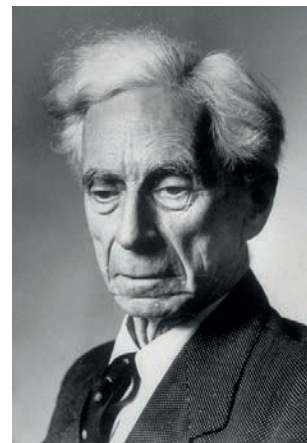
Tendo agora chegado ao término de nossa breve e incompletíssima revisão dos problemas da filosofia, será conveniente considerar, para concluir, qual é o valor da filosofia e por que ela deve ser estudada. É da maior importância considerar esta questão, em vista do fato de que muitos homens, sob a influência da ciência e dos negócios práticos, propendem a duvidar se **a filosofia é** algo melhor que inocente mas **inútil** passatempo, com distinções sutis e controvérsias sobre questões em que o conhecimento é impossível.

Esta visão da filosofia parece resultar, em parte, de uma concepção errada dos fins da vida humana e em parte de uma concepção errada sobre o tipo de bens que a filosofia empenha-se em buscar. As ciências físicas, por meio de invenções, é útil para inumeráveis pessoas que a ignoram completamente; e por isso o estudo das ciências físicas é recomendável não somente, ou principalmente, por causa dos efeitos sobre os estudantes, mas antes por causa dos efeitos sobre a humanidade em geral. É esta utilidade que faz parte da filosofia. Se o estudo de filosofia tem algum valor para outras pessoas além de para os estudantes de filosofia, deve ser somente indiretamente, através de seus efeitos sobre as vidas daqueles que a estudam. Portanto, é em seus efeitos, se é que ela tem algum, que **se deve procurar o valor da filosofia**.

Mas, além disso, se não quisermos fracassar em nosso esforço para determinar o valor da filosofia, devemos em primeiro lugar **libertar nossas mentes dos preconceitos** dos que são incorretamente chamados homens práticos. O homem prático, como esta palavra é frequentemente usada, é alguém que reconhece apenas necessidades materiais, que acha que o homem deve ter alimento para o corpo, mas se esquece que é necessário prover alimento para o espírito. Se todos os homens estivessem bem; se a pobreza e as enfermidades tivessem já sido reduzidas o mais possível, ainda ficaria muito por fazer para produzir uma sociedade verdadeiramente válida; e até no mundo existente os bens do espírito são pelo menos tão importantes quanto os bens materiais. É exclusivamente entre os bens do espírito que o valor da filosofia deve ser procurado; e somente aqueles que não são indiferentes a esses bens podem persuadir-se de que **o estudo da filosofia não é perda de tempo**.

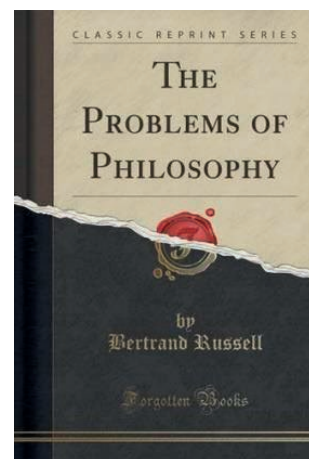
A filosofia, como todos os outros estudos, visa em primeiro lugar o conhecimento. O conhecimento que ela tem em vista é o tipo de conhecimento que confere unidade sistemática ao

## Filosofia



- Bertrand Russell (1872-1970) Foi um dos mais influentes matemáticos, filósofos e lógicos que viveram no século XX.

## Sugestões de leitura

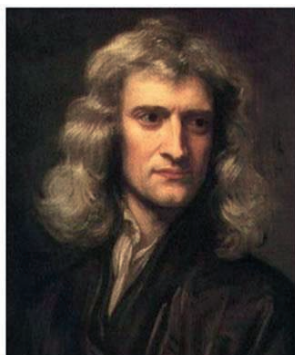


- O livro de Bertrand Russell, *Os Problemas da Filosofia*, possui quinze capítulos sobre diversos temas filosóficos.



- Outro livro de Russell para você saber mais sobre a história da filosofia.

Filosofia



https://goo.gl/AmvXm

■ Isaac Newton (1643-1727)  
 Foi um cientista inglês, mais reconhecido como físico e matemático, embora tenha sido também astrônomo, alquimista, filósofo natural e teólogo. Sua obra, *Princípios Matemáticos da Filosofia Natural* é considerada uma das mais influentes na história da ciência. Publicada em 1687, essa obra descreve a lei da gravitação universal e as três leis de Newton, que fundamentaram a mecânica clássica.

Vocabulário

**Psicologia** é uma ciência que estuda o comportamento humano, animal e os processos mentais (razão, sentimentos, pensamentos, atitudes). Estudaremos ainda neste trimestre algumas características do pensamento de Freud.

*“O problema do mundo é que tolos e fanáticos estão sempre cheios de convicções, enquanto os sábios estão sempre cheios de dúvidas.”*

*Bertrand Russell*

corpo das ciências, bem como o que resulta de um exame crítico dos fundamentos de nossas convicções, de nossos preconceitos, e de nossas crenças. Mas não se pode dizer, no entanto, que a filosofia tenha tido algum grande êxito na sua tentativa de fornecer respostas definitivas a seus problemas. Se perguntarmos a um matemático, a um mineralogia, a um historiador, ou a qualquer outro cientista, que definido corpo de verdades foi estabelecido pela sua ciência, sua resposta durará tanto tempo quanto estivermos dispostos a lhe dar ouvidos. Mas se fizermos essa mesma pergunta a um filósofo, ele terá que confessar, se for sincero, que a filosofia não tem alcançado resultados positivos tais como têm sido alcançados por outras ciências. É verdade que isso se explica, em parte, pelo fato de que, mal se torna possível um conhecimento preciso naquilo que diz respeito a determinado assunto, este assunto deixa de ser chamado de filosofia, e torna-se uma ciência especial. Todo o estudo dos corpos celestes, que hoje pertence à Astronomia, se incluía outrora na filosofia; **a grande obra de Newton tem por título: *Princípios Matemáticos da Filosofia Natural***. De maneira semelhante, o estudo da mente humana, que era uma parte da filosofia, está hoje separado da filosofia e tornou-se a **ciência da psicologia**. Assim, em grande medida, a incerteza da filosofia é mais aparente do que real: aquelas questões para as quais já se tem respostas positivas vão sendo colocadas nas ciências, ao passo que aquelas para as quais não foi encontrada até o presente nenhuma resposta exata continuam a constituir esse resíduo a que é chamado de filosofia.

Isto é, no entanto, só uma parte do que é verdade quanto à incerteza da filosofia. Existem muitas questões ainda – e entre elas aquelas que são do mais profundo interesse para a nossa vida espiritual – que, na medida em que podemos ver, deverão permanecer insolúveis para o intelecto humano, a menos que seus poderes se tornem de uma ordem inteiramente diferente daquela que são atualmente. O universo tem alguma unidade de plano e objetivo, ou ele é um concurso fortuito de átomos? É a consciência uma parte permanente do universo, dando-nos esperança de um aumento indefinido da sabedoria, ou ela não passa de transitório acidente sobre um pequeno planeta, onde a vida acabará por se tornar impossível? São o bem e o mal importantes para o universo ou somente para o homem? **Tais questões são colocadas pela filosofia, e respondidas de diversas maneiras por vários filósofos**. Mas, parece que se as respostas são de algum modo descobertas ou não, **nenhuma das respostas sugeridas pela filosofia pode ser demonstrada como verdadeira**. E, no entanto, por fraca que seja a esperança de vir a descobrir uma resposta, é parte do papel da filosofia continuar a examinar tais questões, tornar-nos conscientes da sua importância, examinar todas as suas abordagens, mantendo vivo o interesse especulativo pelo universo, que correríamos o risco de deixar morrer se nos confinássemos aos conhecimentos definitivamente determináveis.



Muitos filósofos, é verdade, sustentaram que a filosofia poderia estabelecer a verdade de certas respostas a tais questões fundamentais. Eles supuseram que o que é mais importante no campo das crenças religiosas pode ser provado como verdadeiro por meio de estritas demonstrações. A fim de julgar tais tentativas, é necessário fazer uma investigação sobre o conhecimento humano, e formar uma opinião quanto a seus métodos e suas limitações. **Sobre tais assuntos é insensato nos pronunciarmos dogmaticamente.** Porém, se as investigações de nossos capítulos anteriores não nos induziram ao erro, seremos forçados a renunciar à esperança de descobrir provas filosóficas para as crenças religiosas. Portanto, não podemos incluir como parte do valor da filosofia qualquer série de respostas definidas a tais questões. Mais uma vez, portanto, o valor da filosofia não depende de um suposto corpo de conhecimento definitivamente assegurado, que possa ser adquirido por aqueles que a estudam.

**O valor da filosofia, na realidade, deve ser buscado, em grande medida, na sua própria incerteza.** O homem que não tem umas tintas de filosofia caminha pela vida afora preso a preconceitos derivados do **senso comum**, das crenças habituais de sua época e do seus país, e das convicções que cresceram no seu espírito sem a cooperação ou o consentimento de uma razão deliberada. Para tal homem o mundo tende a tornar-se finito, definido, óbvio; para ele os objetos habituais não levantam problemas e as possibilidades infamiliars são desdenhosamente rejeitadas. Quando começamos a filosofar, pelo contrário, imediatamente nos damos conta (como vimos nos primeiros capítulos deste livro) de que até as coisas mais ordinárias conduzem a problemas para os quais somente respostas muito incompletas podem ser dadas. A filosofia, apesar de incapaz de nos dizer com certeza qual é a verdadeira resposta para as dúvidas que ela própria levanta, **é capaz de sugerir numerosas possibilidades que ampliam nossos pensamentos, livrando-os da tirania do hábito.** Desta maneira, embora diminua nosso sentimento de certeza com relação ao que as coisas são, aumenta em muito nosso conhecimento a respeito do que as coisas podem ser; ela **remove o dogmatismo um tanto arrogante** daqueles que nunca chegaram a empreender viagens nas regiões da **dúvida libertadora**; e vivifica nosso sentimento de admiração, ao mostrar as coisas familiares num determinado aspecto não familiar.

Além de sua utilidade ao mostrar insuspeitadas possibilidades, a filosofia tem um valor – talvez seu principal valor – por causa da grandeza dos objetos que ela contempla, e da liberdade proveniente da visão rigorosa e pessoal resultante de sua contemplação. A vida do homem reduzido ao instinto encerra-se no círculo de seus interesses particulares; a família e os amigos podem ser incluídos, mas o resto do mundo para ele não conta, exceto na medida em que ele pode ajudar ou

## Vocabulário

**Dogmatismo** é o pressuposto teórico, comum a diversas doutrinas filosóficas, que considera o conhecimento humano apto à obtenção de verdades absolutamente certas e seguras.

## Música/Arte

### TIRANIA DO HÁBITO

Música: Cotidiano  
Álbum: Construção (1971)  
Autor: Chico Buarque

Todo dia ela faz tudo sempre igual  
Me sacode às seis horas da manhã  
Me sorri um sorriso pontual  
E me beija com a boca de hortelã

Todo dia ela diz que é pra eu me cuidar  
E essas coisas que diz toda mulher  
Diz que está me esperando pro jantar  
E me beija com a boca de café

Todo dia eu só penso em poder parar  
Meio-dia eu só penso em dizer não  
Depois penso na vida pra levar  
E me calo com a boca de feijão

Seis da tarde como era de se esperar  
Ela pega e me espera no portão  
Diz que está muito louca pra beijar  
E me beija com a boca de paixão

Toda noite ela diz pra eu não me afastar  
Meia-noite ela jura eterno amor  
E me aperta pra eu quase sufocar  
E me morde com a boca de pavor

Todo dia ela faz tudo sempre igual  
Me sacode às seis horas da manhã  
Me sorri um sorriso pontual  
E me beija com a boca de hortelã

### Ouçã a música

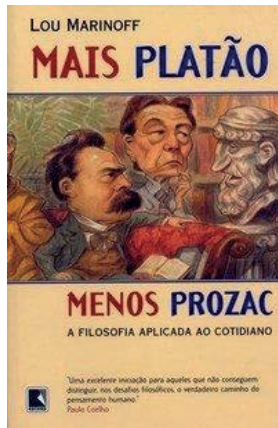


■ DVD: Chico Buarque – À flor da pele (Roberto de Oliveira, 2005)

<https://goo.gl/vW7uoa>

Filosofia/Autoajuda

Sugestão de leitura



- O livro de Lou Marinoff trabalha com a ideia de que a filosofia pode contribuir para resolver problemas pessoais. Filosofia é autoajuda?

Literatura



[https://pensador.uol.com.br/autor/clarice\\_lispector/](https://pensador.uol.com.br/autor/clarice_lispector/)

*“Mas sei de uma coisa: meu caminho não sou eu, é o outro, é os outros. Quando eu puder sentir plenamente o outro então estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada.”*

Clarice Lispector  
(1920-1977)

impedir o que surge dentro do círculo dos desejos instintivos. Em tal vida existe alguma coisa que é febril e limitada, em comparação com a qual a vida filosófica é serena e livre. Situado em meio de um mundo poderoso e vasto que mais cedo ou mais tarde deverá deitar nosso mundo privado em ruínas, o mundo privado dos interesses instintivos é muito pequeno. A não ser que ampliemos o nosso interesse de maneira a incluir todo o mundo externo, ficaremos como uma guarnição numa praça sitiada, sabendo que o inimigo não a deixará fugir e que a capitulação final é inevitável. Não há paz em tal vida, mas uma luta contínua entre a insistência do desejo e a impotência da vontade. De uma maneira ou de outra, se pretendemos uma vida grande e livre, devemos escapar desta prisão e desta luta.

**Uma válvula de escape é pela contemplação filosófica.**

A contemplação filosófica não divide, em suas investigações mais amplas, o universo em dois campos hostis: amigos e inimigos, aliados e adversários, bons e maus; ela encara o todo imparcialmente. A contemplação filosófica, quando é pura, não visa provar que o restante do universo é semelhante ao homem. Toda aquisição de conhecimento é um alargamento do Eu, mas este alargamento é melhor alcançado quando não é procurado diretamente. Este alargamento é obtido quando o desejo de conhecimento é somente operativo, por um estudo que não deseja previamente que seus objetos tenham este ou aquele caracter, mas adapte o Eu aos caracteres que ele encontra em seus objetos. Esse alargamento do Eu não é obtido quando, tomando o Eu como ele é, tentamos mostrar que o mundo é tão similar a este Eu que seu conhecimento é possível sem qualquer aceitação do que parece estranho. O desejo para provar isto é uma forma de egotismo, é um obstáculo para o crescimento do Eu que ele deseja, e do qual o Eu sabe que é capaz. O egotismo, na especulação filosófica como em tudo o mais, vê o mundo como um meio para seus próprios fins; assim, ele faz do mundo menos caso do que faz do Eu, e o Eu coloca limites para a grandeza de seus bens. **Na contemplação, pelo contrário, partimos do não Eu, e por meio de sua grandeza os limites do Eu são ampliados; através da infinidade do universo, a mente que o contempla participa um pouco da infinidade.**

Por esta razão a grandeza da alma não é promovida por aquelas filosofias que assimilam o universo ao Homem. **O conhecimento é uma forma de união do Eu com o não Eu.** Como toda união, ela é prejudicada pelo domínio, e, portanto, por qualquer tentativa de forçar o universo em conformidade com o que descobrimos em nós mesmos. Existe uma tendência filosófica muito difundida em relação à visão que nos diz que o Homem é a medida de todas as coisas;

que a verdade é construção humana; que espaço e tempo, e o mundo dos universais, são propriedades da mente, e que, se existe alguma coisa que não seja criada pela mente, é algo incognoscível e de nenhuma importância para nós. Esta visão, se nossas discussões precedentes forem corretas, não é verdadeira; mas além de não ser verdadeira, **ela tem o efeito de despojar a contemplação filosófica de tudo aquilo que lhe dá valor, visto que ela aprisiona a contemplação do Eu.** O que tal visão chama conhecimento **não é uma união com o não Eu**, mas uma série de **preconceitos, hábitos e desejos**, que compõem um **impenetrável véu entre nós e o mundo para além de nós**. O homem que se compraz em tal teoria do conhecimento humano assemelha-se ao homem que **nunca abandona seu círculo doméstico por receio de que fora dele sua palavra não seja lei.**

A verdadeira contemplação filosófica, pelo contrário, encontra sua satisfação no próprio alargamento do não Eu, em toda coisa que engrandece os objetos contemplados, e desse modo o sujeito que contempla. Na contemplação, tudo aquilo que é pessoal e privado, tudo o que depende do hábito, do autointeresse ou desejo, deforma o objeto, e, portanto, prejudica a união que a inteligência busca. Levantando uma barreira entre o sujeito e o objeto, as coisas pessoais e privadas tornam-se uma prisão para o intelecto. O livre intelecto enxergará assim como Deus poderia ver: sem um *aqui e agora*; sem esperança e sem medo; isento das crenças habituais e preconceitos tradicionais: calmamente, desapassionadamente, com o único e exclusivo desejo de conhecimento – conhecimento tão impessoal, tão puramente contemplativo quanto é possível a um homem alcançar. Por isso, o espírito livre valorizará mais o conhecimento abstrato e universal em que não entram os acidentes da história particular, que ao conhecimento trazido pelos sentidos, e dependente – como tal conhecimento deve ser – de um ponto de vista pessoal e exclusivo, e de um corpo cujos órgãos dos sentidos distorcem tanto quanto revelam.

A mente que se tornou acostumada com a liberdade e **imparcialidade** da contemplação filosófica preservará alguma coisa da mesma liberdade e imparcialidade no mundo da ação e emoção. Ela encarará seus objetivos e desejos como partes do Todo, com a ausência da insistência que resulta de considerá-los como fragmentos infinitesimais num mundo em que todo o resto não é afetado por qualquer uma das ações dos homens. A **imparcialidade** que, na contemplação, é o desejo extremo pela verdade, é aquela mesma qualidade espiritual que na ação é a justiça, e na emoção é o amor universal que pode ser dado a todos e não só aos que são considerados úteis ou admiráveis. Assim, a contemplação amplia não somente os objetos de nossos pensamentos, mas também os objetos de nossas ações e nossos sentimentos: ela nos torna cidadãos do universo, não somente de uma cidade entre muros em estado

## Transversalidade

Vamos falar sobre *bullying*?  
Explicitá-lo? Denunciá-lo?

## PROJETO VIDA HUMANÍSTICA – CSL

**Você não está sozinho!**

## Vocabulário

**Bullying:** Termo da língua inglesa (*bully* = “valentão”) que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa sem ter a possibilidade ou capacidade de se defender, sendo realizadas dentro de uma relação desigual de forças ou poder.

■ <http://brasilescola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>

## Vocabulário

**Imparcialidade:** Equidade; qualidade da pessoa que julga com neutralidade e justiça; característica de quem não toma partido numa situação.

Assista ao vídeo



<https://goo.gl/vccabkg>

■ Mensagem para o futuro  
Trecho da entrevista realizada pelo canal de televisão BBC – 1959.

de guerra com tudo o mais. Nesta qualidade de cidadão do mundo consiste a verdadeira liberdade humana, que nos tira da prisão das mesquinhas esperanças e medos.

Enfim, para resumir a discussão do valor da filosofia, ela deve ser estudada, não em virtude de algumas respostas definitivas às suas questões, visto que nenhuma resposta definitiva pode, por via de regra, ser conhecida como verdadeira, **mas sim em virtude daquelas próprias questões; porque tais questões alargam nossa concepção do que é possível, enriquecem nossa imaginação intelectual e diminuem nossa arrogância dogmática que impede a especulação mental; mas acima de tudo porque através da grandeza do universo que a filosofia contempla, a mente também se torna grande, e se torna capaz daquela união com o universo que constitui seu bem supremo.**

■ Fonte: <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/jaimir.htm>



**ATIVIDADE 1 – RESPONDA ÀS QUESTÕES ABAIXO**

- 1) Identifique no texto o trecho que apresenta o principal valor da filosofia para Bertrand Russell.
- 2) Explique o significado da expressão “a tirania do hábito” escrita por Bertrand Russell.
- 3) Como é possível gerar o alargamento do eu a partir do não eu?
- 4) Relacione as duas principais ideias presentes no vídeo “Mensagem para o futuro” com as diversas ideias presentes no texto “O valor da filosofia”.

Data da apresentação da atividade: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---





Assista também



<https://globo.gd/ON6AVS>

■ Que papo é esse: *Bullying*  
Todos nós somos responsáveis



<https://globo.gd/NIh3B0Z>

■ Borboletas em voo  
Relato de uma mulher que sofreu *bullying*.



<https://globo.gd/O6C61Q>

■ Globo Repórter – *Bullying*.



ATIVIDADE 2

Vamos falar sobre *bullying*? Explicitá-lo? Denunciá-lo? Pensar a respeito do tema?

Assista ao vídeo

Filme: *Bullying – A Violência nas Escolas*



<https://globo.gd/5h8W4E>

Escreva aqui experiências vividas sobre o assunto (**opcional**). Vamos falar sobre *bullying*? Vamos encontrar soluções em conjunto?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## ■ TEXTO 2 – QUE É ESCLARECIMENTO (AUFKLÄRUNG)? 1784

Immanuel Kant

Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* (Ouse saber!) Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento.

A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma tão grande parte dos homens, depois que a natureza de há muito os libertou de uma direção estranha (*naturaliter maiorennes*), continuam, no entanto de bom grado menores durante toda a vida. São também as causas que explicam por que é tão fácil que os outros se constituam em tutores deles. É tão cômodo ser menor. Se tenho um livro que faz as vezes de meu entendimento, um diretor espiritual que por mim tem consciência, um médico que por mim decide a respeito de minha dieta, etc., então não preciso esforçar-me eu mesmo. Não tenho necessidade de pensar, quando posso simplesmente pagar; outros se encarregarão em meu lugar dos negócios desagradáveis. **A imensa maioria da humanidade (inclusive todo o belo sexo) considera a passagem à maioridade difícil e além do mais perigosa, porque aqueles tutores de bom grado tomaram a seu cargo a supervisão dela.** Depois de terem primeiramente embrutecido seu gado doméstico e preservado cuidadosamente estas tranquilas criaturas a fim de não ousarem dar um passo fora do carrinho para aprender a andar, no qual as encerraram, mostram-lhes, em seguida, o perigo que as ameaça se tentarem andar sozinhas. Ora, este perigo na verdade não é tão grande, pois aprenderiam muito bem a andar finalmente, depois de algumas quedas. Basta um exemplo deste tipo para tornar tímido o indivíduo e atemorizá-lo em geral para não fazer outras tentativas no futuro.

É difícil, portanto, para um homem em particular desvencilhar-se da menoridade que para ele se tornou quase uma natureza. Chegou mesmo a criar amor a ela, sendo por ora realmente incapaz de utilizar seu próprio entendimento, porque nunca o deixaram fazer a tentativa de assim proceder. **Preceitos e fórmulas, estes instrumentos mecânicos do uso racional, ou, antes, do abuso de seus dons naturais, são os grilhões de uma perpétua menoridade.** Quem deles se livrasse só seria capaz de dar um salto inseguro mesmo sobre o mais estreito fosso, porque não está habituado a este movimento livre. Por isso são muito poucos aqueles que conseguiram, pela transformação do próprio espírito, emergir da menoridade e empreender então uma marcha segura.

### Filosofia



- Immanuel Kant (1724-1804)  
Foi um filósofo prussiano, geralmente considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna.

***Sapere aude!***

### Arte



- *O navio dos loucos* (1490-1500)  
Autor: Hieronymus Bosch – óleo sobre madeira 58x33  
Museu do Louvre, Paris  
“O homem em sua menoridade”

## Vocabulário

**Esclarecimento:** tradução para o conceito alemão *Aufklärung*, também traduzido como iluminismo, século das luzes, ilustração. Foi um movimento cultural da elite europeia no século 18.

## Arte



■ *A liberdade guiando o povo* (1830)  
 Autor: Eugène Delacroix  
 Óleo sobre tela 260x325  
 Louvre-Lens, Lens

*“O homem em estado de maioria corta os fios invisíveis que o regem.”*

## Kant: Filosofia e Filosofar

*“(...) não é possível aprender qualquer filosofia; (...) só é possível aprender a filosofar, ou seja, exercitar o talento da razão, fazendo-a seguir os seus princípios universais em certas tentativas filosóficas já existentes, mas sempre reservando à razão o direito de investigar aqueles princípios até mesmo em suas fontes, confirmando-os ou rejeitando-os”.*

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1980, p.407.

Que, porém, um público se esclareça a si mesmo é perfeitamente possível; mais que isso, se lhe for dada a liberdade, é quase inevitável. Pois, encontrar-se-ão sempre alguns indivíduos capazes de pensamento próprio, até entre os tutores estabelecidos da grande massa, que, depois de terem sacudido de si mesmos o jugo da menoridade, espalharão em redor de si o espírito de uma avaliação racional do próprio valor e da vocação de cada homem em pensar por si mesmo. O interessante nesse caso é que o público, que anteriormente foi conduzido por eles a este jugo, obriga-os daí em diante a permanecer sob ele, quando é levado a se rebelar por alguns de seus tutores que, eles mesmos, são incapazes de qualquer esclarecimento. Vê-se assim como é prejudicial plantar preconceitos, porque terminam por se vingar daqueles que foram seus autores ou predecessores destes. Por isso, um público só muito lentamente pode chegar ao esclarecimento. Uma revolução poderá talvez realizar a queda do despotismo pessoal ou da opressão ávida de lucros ou de domínios, porém nunca produzirá a verdadeira reforma do modo de pensar. Apenas novos preconceitos, assim como os velhos, servirão como cintas para conduzir a grande massa destituída de pensamento.

Para este **esclarecimento**, porém, nada mais se exige senão **LIBERDADE**. E a mais inofensiva entre tudo aquilo que se possa chamar liberdade, a saber: a de fazer um uso público de sua razão em todas as questões. Ouço, agora, porém, exclamar de todos os lados: *não raciocineis!* O oficial diz: não raciocineis, mas exercitai-vos! O financista exclama: não raciocineis, mas pagai! O sacerdote proclama: não raciocineis, mas crede! (Um único senhor no mundo diz: *raciocinai*, tanto quanto quiserdes, e sobre o que quiserdes, *mas obedecei!*). **Eis aqui por toda a parte a limitação da liberdade. Que limitação, porém, impede o esclarecimento? Qual não o impede, e até mesmo favorece? Respondo: o uso público de sua razão deve ser sempre livre e só ele pode realizar o esclarecimento entre os homens. O uso privado da razão pode, porém, muitas vezes, ser muito estreitamente limitado, sem contudo por isso impedir notavelmente o progresso do esclarecimento. Entendo, contudo, sob o nome de uso público de sua própria razão aquele que qualquer homem, enquanto **SÁBIO**, faz dela diante do grande público do mundo letrado.** Denomino uso privado aquele que o sábio pode fazer de sua razão em um certo cargo público ou função a ele confiado. Ora, para muitas profissões que se exercem no interesse da comunidade, é necessário um certo mecanismo, em virtude do qual alguns membros da comunidade devem comportar-se de modo exclusivamente passivo para serem conduzidos pelo governo, mediante uma unanimidade artificial, para finalidades públicas, ou pelo menos devem ser contidos para não destruir essa finalidade. Em casos tais, não é sem dúvida permitido raciocinar, mas

deve-se obedecer. Na medida, porém, em que esta parte da máquina se considera ao mesmo tempo membro de uma comunidade total, chegando até a sociedade constituída pelos cidadãos de todo o mundo, portanto na qualidade de sábio que se dirige a um público, por meio de obras escritas de acordo com seu próprio entendimento, pode certamente raciocinar, sem que por isso sofram os negócios a que ele está sujeito em parte como membro passivo. Assim, seria muito prejudicial se um oficial, a que seu superior deu uma ordem, quisesse pôr-se a raciocinar em voz alta no serviço a respeito da conveniência ou da utilidade dessa ordem. Deve obedecer. Mas, razoavelmente, não se lhe pode impedir, enquanto homem versado no assunto, fazer observações sobre os erros no serviço militar, e expor essas observações ao seu público, para que as julgue. O cidadão não se recusar a efetuar o pagamento dos impostos que sobre ele recaem; até mesmo a desaprovação impertinente dessas obrigações, se devem ser pagas por ele, pode ser castigada como um escândalo (que poderia causar uma desobediência geral). Exatamente, apesar disso, não age contrariamente ao dever de um cidadão se, como homem instruído, expõe publicamente suas ideias contra a inconveniência ou a injustiça dessas imposições. Do mesmo modo também o **sacerdote** está obrigado a fazer seu sermão aos discípulos do catecismo ou à comunidade, de conformidade com o credo da **Igreja** a que serve, pois foi admitido com esta condição. Mas, enquanto sábio, tem completa liberdade, e até mesmo o dever, de dar conhecimento ao público de todas as suas ideias, cuidadosamente examinadas e bem intencionadas, sobre o que há de errôneo naquele credo, e expor suas propostas no sentido da melhor instituição da essência da religião e da **Igreja**. Nada existe aqui que possa constituir um peso na consciência. Pois aquilo que ensina em decorrência de seu cargo como funcionário da Igreja, expõe-no como algo em relação ao qual não tem o livre poder de ensinar como melhor lhe pareça, mas está obrigado a expor segundo a prescrição de um outro e em nome deste. Poderá dizer: nossa igreja ensina isto ou aquilo; estes são os fundamentos comprobatórios de que ela se serve.

Tira então toda utilidade prática para sua comunidade de preceitos que ele mesmo não subscreveria, com inteira convicção, em cuja apresentação pode contudo se comprometer, porque não é de todo impossível que em seus enunciados a verdade esteja escondida. Em todo caso, porém, pelo menos nada deve ser encontrado aí que seja contraditório com a religião interior. Pois se acreditasse encontrar esta contradição não poderia em sua consciência desempenhar sua função, teria de renunciar. Por conseguinte, o uso que um professor empregado faz de sua razão diante de sua comunidade é unicamente um uso privado, porque é sempre um uso doméstico, por grande que seja a assembleia. Com

## Vocabulário

**Títere – Fantoche – Marionete:** boneco que se move por cordéis e engonços, imitando gestos humanos.



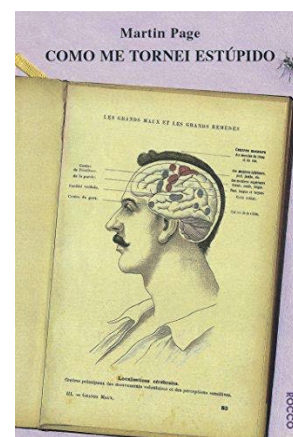
## Religião

### Assista ao vídeo



- A religião como controle social. "O homem em estado de menoridade".

## Literatura



- *Como me Tornei Estúpido*  
Autor: Martin Page.  
Para o jovem Antoine, a inteligência e a consciência crítica se transformam em empecilhos para alcançar a felicidade na sociedade atual. Por isso, o anti-herói criado pelo autor francês decide investir na idiotice como forma de sobrevivência.



## Poesia

Nós vos pedimos com insistência:  
Nunca digam – Isso é natural  
diante dos acontecimentos de cada dia.  
Numa época em que reina a confusão,  
em que escorre o sangue,  
em que se ordena a desordem,  
em que o arbítrio tem força de lei,  
em que a humanidade se desumaniza...  
Não digam nunca – Isso é natural!  
Para que nada passe a ser imutável.

Eu peço com insistência  
Não diga nunca – Isso é natural

Sob o familiar,  
Descubra o insólito,  
Sob o cotidiano, desvele o inexplicável.

Que tudo o que é considerado habitual  
Provoque inquietação,  
Na regra, descubra o abuso,  
E sempre que o abuso for encontrado,  
Encontre o remédio.



<https://foto.pt/SMML1x>

■ Bertolt Brecht (1898-1956)  
"Maioridade humana"

relação a esse uso ele, enquanto padre, não é livre nem tem o direito de sê-lo, porque executa uma incumbência estranha. Já como sábio, ao contrário, que por meio de suas obras fala para o verdadeiro público, isto é, o mundo, o sacerdote, no uso público de sua razão, goza de ilimitada liberdade de fazer uso de sua própria razão e de falar em seu próprio nome. Pois o fato de os tutores do povo (nas coisas espirituais) deverem ser eles próprios menores constitui um absurdo que dá em resultado a perpetuação dos absurdos.

Mas não deveria uma sociedade de eclesiásticos, por exemplo, uma assembleia de clérigos, ou uma respeitável classe (como a si mesma se denomina entre os holandeses) estar autorizada, sob juramento, a comprometer-se com um certo credo invariável, a fim de por este modo de exercer uma incessante supertutela sobre cada um de seus membros e por meio dela sobre o povo, e até mesmo a perpetuar essa tutela? Isto é inteiramente impossível, digo eu. Tal contrato, que decidiria afastar para sempre todo ulterior esclarecimento do gênero humano, é simplesmente nulo e sem validade, mesmo que fosse confirmado pelo poder supremo, pelos parlamentos e pelos mais solenes tratados de paz. Uma época não pode se aliar e conjurar para colocar a seguinte em um estado em que se torne impossível para esta ampliar seus conhecimentos (particularmente os mais imediatos), purificar-se dos erros e avançar mais no caminho do esclarecimento. Isto seria um crime contra a natureza humana, cuja determinação original consiste precisamente neste avanço. E a posteridade está portanto plenamente justificada em repelir aquelas decisões, tomadas de modo não autorizado e criminoso. Quanto ao que se possa estabelecer como lei para um povo, a pedra de toque está na questão de saber se um povo se poderia ter ele próprio submetido a tal lei. Seria certamente possível, como se à espera de lei melhor, por determinado e curto prazo, e para introduzir certa ordem. Ao mesmo tempo, se franquearia a qualquer cidadão, especialmente ao de carreira eclesiástica, na qualidade de sábio, o direito de fazer publicamente, isto é, por meio de obras escritas, seus reparos a possíveis defeitos das instituições vigentes. Estas últimas permaneceriam intactas, até que a compreensão da natureza de tais coisas se tivesse estendido e aprofundado, publicamente, a ponto de tornar-se possível levar à consideração do trono, com base em votação, ainda que não unânime, uma proposta no sentido de proteger comunidades inclinadas, por sincera convicção, a normas religiosas modificadas, embora sem detrimento dos que preferissem manter-se fiéis às antigas. Mas é absolutamente proibido unificar-se em uma constituição religiosa fixa, de que ninguém tenha publicamente o direito de duvidar, mesmo durante o tempo de vida de um homem, e com isso por assim dizer aniquilar um período de tempo na marcha da humanidade no caminho do aperfeiçoamento,

e torná-lo infecundo e prejudicial para a posteridade. Um homem sem dúvida pode, no que respeita à sua pessoa, e mesmo assim só por algum tempo, na parte que lhe incumbe, adiar o esclarecimento. Mas renunciar a ele, quer para si mesmo quer ainda mais para sua descendência, significa ferir e calcar aos pés os sagrados direitos da humanidade. O que, porém, não é lícito a um povo decidir com relação a si mesmo, menos ainda um monarca poderia decidir sobre ele, pois sua autoridade legislativa repousa justamente no fato de reunir a vontade de todo o povo na sua. Quando cuida de toda melhoria, verdadeira ou presumida, coincida com a ordem civil, pode deixar em tudo o mais que seus súditos façam por si mesmos o que julguem necessário fazer para a salvação de suas almas. Isto não lhe importa, mas deve apenas evitar que um súdito impeça outro por meios violentos de trabalhar, de acordo com toda sua capacidade, na determinação e na promoção de si. Causa mesmo dano a sua majestade quando se imiscui nesses assuntos, quando submete à vigilância do seu governo os escritos nos quais seus súditos procuram deixar claras suas concepções. O mesmo acontece quando procede assim não só por sua própria concepção superior, com o que se expõe à censura: *Ceaser non est supra grammaticos*, mas também e ainda em muito maior extensão, quando rebaixa tanto seu poder supremo que chega a apoiar o despotismo espiritual de alguns tiranos em seu Estado contra os demais súditos.

Se for feita então a pergunta: “vivemos agora uma época esclarecida?”, a resposta será: “não, vivemos em uma época de esclarecimento. Falta ainda muito para que os homens, nas condições atuais, tomados em conjunto, estejam já numa situação, ou possam ser colocados nela, na qual em matéria religiosa sejam capazes de fazer uso seguro e bom de seu próprio entendimento sem serem dirigidos por outrem. Somente temos claros indícios de que agora lhes foi aberto o campo no qual podem lançar-se livremente a trabalhar e tornarem progressivamente menores os obstáculos ao esclarecimento geral ou à saída deles, homens, de sua menoridade, da qual são culpados. Considerada sob este aspecto, esta época é a época do esclarecimento ou o século de *Frederico*.”

Um príncipe que não acha indigno de si dizer que considera um dever não prescrever nada aos homens em matéria religiosa, mas deixar-lhes em tal assunto plena liberdade, que, portanto, afasta de si o arrogante nome de *tolerância*, é realmente esclarecido e merece ser louvado pelo mundo agradecido e pela posteridade como aquele que pela primeira vez libertou o gênero humano da menoridade, pelo menos por parte do governo, e deu a cada homem a liberdade de utilizar sua própria razão em todas as questões da consciência moral.

## Música/Arte



■ Gabriel o Pensador

### Retrato de um Playboy (Juventude Perdida)

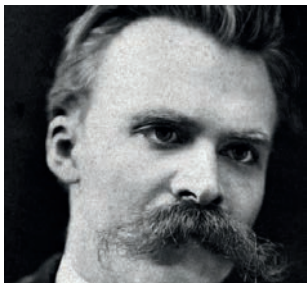
“Não sei o que é a vida, não penso não  
 Sonho, praia, surfe e chopp essa é  
 minha realidade,  
 Não saio disso porque me falta  
 personalidade  
 Não tenho cérebro, apenas me  
 enquadro no sistema,  
 Ser tapado é minha sina, ser  
 playboy é meu problema  
 Faço só o que os outros fazem, acho  
 isso legal”

“Eu não sei nada dessa vida e desse  
 mundo onde estou,  
 E quando eu saio na rua que eu  
 vejo o merda que eu sou  
 Sem ter o que fazer, sem ter o que  
 pensar,  
 Eu encho a cara de bebida até  
 vomitar  
 E os meus falsos amigos que vão lá  
 me carregar  
 São os mesmos que depois só vão  
 me sacanear  
 Mas na cabeça da galera também  
 não tem nada,  
 Somos um monte de merda dentro  
 da mesma privada,”

*Retrato de um Playboy: “o  
 homem em seu estado de  
 menoridade”*

## Filosofia

“Por vezes, as pessoas não querem ouvir a verdade, porque não desejam que suas ilusões sejam destruídas.”



<https://foto.globo.com>

■ Nietzsche (1844-1900)  
Foi um filósofo alemão do século 19.

## Vocabulário

**Autonomia:** segundo Kant (1724-1804), capacidade da vontade humana de se autodeterminar segundo uma legislação moral por ela mesma estabelecida, livre de qualquer fator estranho ou exógeno com uma influência subjugante, tal como uma paixão ou uma inclinação afetiva incoercível.

Gr. autonomía “direito de reger-se segundo leis próprias”.

Sob seu governo os sacerdotes dignos de respeito podem, sem prejuízo de seu dever funcional, expor livre e publicamente, na qualidade de súditos, ao mundo, para que os examinasse, seus juízos e opiniões num ou noutro ponto discordantes do credo admitido. Com mais forte razão isso se dá com os outros, que não são limitados por nenhum dever oficial. Este espírito de liberdade espalha-se também no exterior, mesmo nos lugares em que tem de lutar contra obstáculos externos estabelecidos por um governo que não se compreende a si mesmo. Serve de exemplo para isto o fato de num regime de liberdade a tranquilidade pública e a unidade da comunidade não constituírem em nada motivo de inquietação. Os homens se desprendem por si mesmos progressivamente do estado de selvageria, quando intencionalmente não se requinta em conservá-los nesse estado.

**Acentuei preferentemente em matéria religiosa o ponto principal do esclarecimento, a saída do homem de sua menoridade, da qual tem a culpa.** Porque no que se refere às artes e ciências nossos senhores não têm nenhum interesse em exercer a tutela sobre seus súditos, além de que também aquela menoridade é de todas a mais prejudicial e a mais desonrosa. Mas o modo de pensar de um chefe de Estado que favorece a primeira vai ainda além e compreende que, mesmo no que se refere à sua *legislação*, **não há perigo em permitir a seus súditos fazer uso público de sua própria razão e expor publicamente ao mundo suas ideias sobre uma melhor compreensão dela, mesmo por meio de uma corajosa crítica do estado de coisas existentes.** Um brilhante exemplo disso é que nenhum monarca superou aquele que reverenciamos.

Mas também somente aquele que, embora seja ele próprio esclarecido, não tem medo de sombras e ao mesmo tempo tem à mão um numeroso e bem disciplinado exército para garantir a tranquilidade pública, pode dizer aquilo que não é lícito a um Estado livre ousar: *raciocinais tanto quanto quiserdes e sobre qualquer coisa que quiserdes; apenas obedeci!* Revela-se aqui uma estranha e não esperada marcha das coisas humanas; como, aliás, quando se considera esta marcha em conjunto, quase tudo nela é um paradoxo. Um grau maior de liberdade civil parece vantajoso para a liberdade de espírito do povo e, no entanto, estabelece para ela limites intransponíveis; um grau menor daquela dá a esse espaço o ensejo de expandir-se tanto quanto possa. **Se, portanto, a natureza por baixo desse duro envoltório desenvolveu o germe de que cuida delicadamente, a saber, a tendência e a vocação ao pensamento livre, este atua em retorno progressivamente sobre o modo de sentir do povo (com o que este se torna capaz cada vez mais de agir de acordo com a liberdade), e finalmente até mesmo sobre os princípios do governo, que acha conveniente para si próprio tratar o homem, que agora é mais do que simples máquina, de acordo com a sua dignidade.**

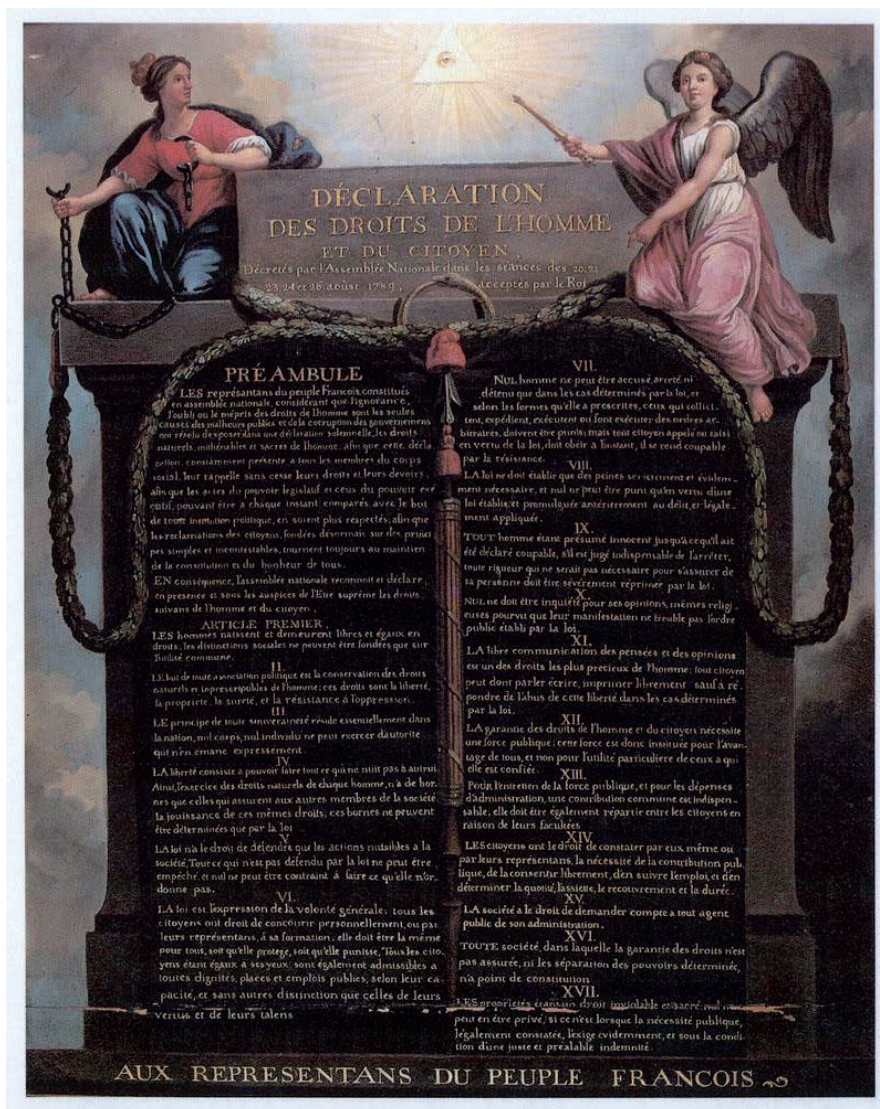
■ Fonte: <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/b47.pdf>







## ■ TEXTO 3 – DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM E DO CIDADÃO



Os representantes do povo francês, reunidos em Assembleia Nacional, tendo em vista que a ignorância, o esquecimento ou o desprezo dos direitos do homem são as únicas causas dos males públicos e da corrupção dos Governos, resolveram declarar solenemente os direitos naturais, inalienáveis e sagrados do homem, a fim de que esta declaração, sempre presente em todos os membros do corpo social, lhes lembre permanentemente seus direitos e seus deveres; a fim de que os atos do Poder Legislativo e do Poder Executivo, podendo ser a qualquer momento comparados com a finalidade de toda a instituição política, sejam por isso mais respeitados; a fim de que as reivindicações dos cidadãos, doravante fundadas em princípios simples e incontestáveis, se dirijam sempre à conservação da Constituição e à felicidade geral.

### História

A *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* (em francês: *Déclaration des Droits de l'Homme et du Citoyen*) é um documento culminante da Revolução Francesa, que define os direitos individuais e coletivos dos homens (tomada a palavra na acepção de “seres humanos”) como universais. Influenciados pela doutrina dos “direitos naturais”, os direitos dos homens são tidos como universais: válidos e exigíveis a qualquer tempo e em qualquer lugar, pois permitem à própria natureza humana.

Ela serviu de inspiração para as constituições francesas de 1848 (Segunda República Francesa) e para a atual, e também foi a base da Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada pelas Nações Unidas.

- Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/>>. Acesso em: 14/12/2016.

## Filosofia

Arts. 1.º e 2.º



<https://goo.gl/7KXKa>

■ John Locke (1632-1704)  
Foi um filósofo inglês, um dos criadores do liberalismo, defensor do empirismo e um dos principais teóricos do contrato social.  
Locke acreditava que os homens, ao nascer, tinham direitos naturais: direito à vida, à liberdade e à propriedade.

## Religião

Art. 10.



<https://goo.gl/WrR0bb>

■ Monja Cohn Sensei (1947-)

*“Mais do que tolerância. Tolerar dá a impressão de ter de suportar algo extremamente desagradável, como um remédio de sabor detestável. Prefiro dizer que o encontro inter-religioso, a cooperação inter-religiosa abre portais de amadurecimento da espécie humana. Esse amadurecimento leva ao respeito e a possibilidade de menos violência entre humanos, menos violência de humanos contra a natureza. O respeito à diversidade da vida. Os encontros inter-religiosos são uma fonte de esperança para a mudança de modelo mental de nossa espécie”.*

■ <http://www.monjacoen.com.br/entrevistas/38-entrevistas/219-tolerancia-religiosa-no-brasil>

Em razão disto, a Assembleia Nacional reconhece e declara, na presença e sob a **égide do Ser Supremo**, os seguintes direitos do homem e do cidadão:

**Art. 1.º** Os homens nascem e são **livres e iguais** em direitos. As distinções sociais só podem fundamentar-se na utilidade comum.

**Art. 2.º** A finalidade de toda associação política é a **conservação dos direitos naturais e imprescritíveis do homem**. Esses direitos são a liberdade, a propriedade a segurança e a resistência à opressão.

**Art. 3.º** O **princípio de toda a soberania reside**, essencialmente, **na nação**. Nenhuma operação, nenhum indivíduo pode exercer autoridade que dela não emane expressamente.

**Art. 4.º** A **liberdade consiste em poder fazer tudo que não prejudique o próximo**. Assim, o exercício dos direitos naturais de cada homem não tem por **limites** senão aqueles que asseguram aos outros membros da sociedade o gozo dos mesmos direitos. Estes limites apenas podem ser determinados pela lei.

**Art. 5.º** A **lei** não proíbe senão as ações nocivas à sociedade. Tudo que não é vedado pela **lei** não pode ser obstado e ninguém pode ser constrangido a fazer o que ela não ordene.

**Art. 6.º** A **lei é a expressão da vontade geral**. Todos os cidadãos têm o direito de concorrer, pessoalmente ou através de mandatários, para a sua formação. **Ela deve ser a mesma para todos**, seja para proteger, seja para punir. Todos os cidadãos são iguais a seus olhos e igualmente admissíveis a todas as dignidades, lugares e empregos públicos, segundo a sua capacidade e sem outra distinção que não seja a das suas virtudes e dos seus talentos.

**Art. 7.º** **Ninguém pode ser acusado, preso ou detido senão nos casos determinados pela lei** e de acordo com as formas por esta prescritas. Os que solicitam, expedem, executam ou mandam **executar ordens arbitrárias devem ser punidos**; mas qualquer cidadão convocado ou detido em virtude da lei deve obedecer imediatamente, caso contrário torna-se culpado de resistência.

**Art. 8.º** A **lei** apenas deve estabelecer penas estrita e evidentemente necessárias e **ninguém pode ser punido senão por força de uma lei estabelecida** e promulgada antes do delito e legalmente aplicada.

**Art. 9.º** **Todo acusado é considerado inocente até ser declarado culpado** e, se julgar indispensável prendê-lo, todo o rigor desnecessário à guarda da sua pessoa deverá ser severamente reprimido pela lei.

**Art. 10.** **Ninguém pode ser molestado por suas opiniões**, incluindo **opiniões religiosas**, desde que sua manifestação não perturbe a ordem pública estabelecida pela lei.



**Art. 11.** A livre comunicação das ideias e das opiniões é um dos mais preciosos direitos do homem. Todo cidadão pode, portanto, falar, escrever, imprimir livremente, respondendo, todavia, pelos abusos desta liberdade nos termos previstos na lei.

**Art. 12.** A garantia dos direitos do homem e do cidadão necessita de uma força pública. Esta força é, pois, instituída para fruição por todos, e não para utilidade particular daqueles a quem é confiada.

**Art. 13.** Para a manutenção da força pública e para as despesas de administração é indispensável uma contribuição comum que deve ser dividida entre os cidadãos de acordo com suas possibilidades.

**Art. 14.** Todos os cidadãos têm direito de verificar, por si ou pelos seus representantes, da necessidade da contribuição pública, de consenti-la livremente, de observar o seu emprego e de lhe fixar a repartição, a coleta, a cobrança e a duração.

**Art. 15.** A sociedade tem o direito de pedir contas a todo agente público pela sua administração.

**Art. 16.** A sociedade em que não esteja assegurada a garantia dos direitos nem estabelecida a separação dos poderes não tem Constituição.

**Art. 17.** Como a propriedade é um direito inviolável e sagrado, ninguém dela pode ser privado, a não ser quando a necessidade pública legalmente comprovada o exigir e sob condição de justa e prévia indenização.

■ Textos Básicos sobre Derechos Humanos.

Madrid. Universidad Complutense, 1973, traduzido do espanhol por Marcus Cláudio Acqua Viva.  
In: FERREIRA Filho, Manoel G. et. alli. *Liberdades Públicas*. São Paulo: Ed. Saraiva, 1978.

### Documentário/Filme/ Transversalidade

#### Art. 11. Liberdade de expressão



■ Assista ao documentário Liberdade de Expressão nos EUA – HBO.

### Filosofia



■ Voltaire (1694-1778)  
Foi um escritor, ensaísta, deísta e filósofo iluminista francês.





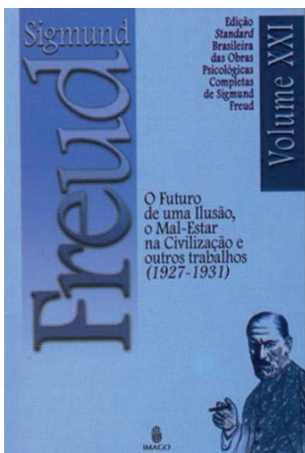
**Psicologia**



<https://poco.ufrj.br/40761>

- Sigmund Freud (1856-1939)  
Foi um médico neurologista criador da psicanálise.

**Sugestão de leitura**



- *O Mal-Estar na Civilização* é um texto do médico e fundador da psicanálise Sigmund Freud, que discute o fato de a cultura – termo que o autor iguala à civilização – produzir um mal-estar nos seres humanos, pois que existe uma dicotomia entre os impulsos pulsionais e a civilização. Portanto, para o bem da civilização, o indivíduo é oprimido em suas pulsões e vive em mal-estar.

**Vocabulário**

**Libido** é o desejo ou impulso sexual de um homem ou uma mulher. No âmbito da psicologia, a libido é fundamental para entender o comportamento humano, porque o condiciona e é vista como a energia que direciona os instintos vitais.

■ **TEXTO 4 – O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO**

Sigmund Freud

**Capítulo V**

O trabalho psicanalítico nos mostrou que as frustrações da vida sexual são precisamente aquelas que as pessoas conhecidas como neuróticas não podem tolerar. O neurótico cria em seus sintomas satisfações substitutivas para si, e estas ou lhe causam sofrimento em si próprios, ou se lhe tornam fontes de sofrimento pela criação de dificuldades em seus relacionamentos com o meio ambiente e a sociedade a que pertence. Esse último fato é fácil de compreender; o primeiro nos apresenta um novo problema. **A civilização, porém, exige outros sacrifícios, além do da satisfação sexual.**

Abordamos a dificuldade do desenvolvimento cultural como sendo uma dificuldade geral de desenvolvimento, fazendo sua origem remontar à inércia da libido, à falta de inclinação desta para abandonar uma posição antiga por outra nova. Dizemos quase a mesma coisa quando fazemos a antítese entre civilização e sexualidade derivar da circunstância de o **amor sexual constituir um relacionamento entre dois indivíduos**, no qual um terceiro só pode ser supérfluo ou perturbador, ao passo que **a civilização depende de relacionamentos entre um considerável número de indivíduos**. Quando um relacionamento amoroso se encontra em seu auge, não resta lugar para qualquer outro interesse pelo ambiente; **um casal de amantes se basta a si mesmo**; sequer necessitam do filho que têm em comum para torná-los felizes. Em nenhum outro caso, **Eros revela tão claramente o âmago do seu ser, o seu intuito de, de mais de um, fazer um único**; contudo, quando alcança isso da maneira proverbial, ou seja, **através do amor de dois seres humanos, recusa-se a ir além.**

Até aqui, podemos imaginar perfeitamente uma comunidade cultural que consista em **indivíduos duplos** como este, que, **libidinalmente satisfeitos em si mesmos**, se vinculem uns aos outros através dos elos do trabalho comum e dos interesses comuns. Se assim fosse, a civilização não teria que extrair energia alguma da sexualidade. Contudo, esse desejável estado de coisas não existe, nem nunca existiu. A realidade nos mostra que a civilização não se contenta com as ligações que até agora lhe concedemos. **Visa a unir entre si os membros da comunidade também de maneira libidinal e, para tanto, emprega todos os meios.** Favorece todos os caminhos pelos quais identificações fortes possam ser estabelecidas entre os membros da comunidade e, na mais ampla escala, convoca a libido inibida em sua finalidade, **de modo a fortalecer o vínculo comunal através das relações de amizade.** Para que esses objetivos sejam realizados, faz-se inevitável uma **restrição à vida sexual.** Não conseguimos,



porém, entender qual necessidade força a civilização a tomar esse caminho, necessidade que provoca o seu antagonismo à sexualidade. Deve haver algum fator de perturbação que ainda não descobrimos.

A pista pode ser fornecida por uma das exigências ideais, tal como as denominamos, da sociedade civilizada. Diz ela: “Amarás a teu próximo como a ti mesmo.” Essa exigência, conhecida em todo o mundo, é, indubitavelmente, mais antiga que o cristianismo, que a apresenta como sua reivindicação mais gloriosa. No entanto, ela não é decerto excessivamente antiga; mesmo já em tempos históricos, ainda era estranha à humanidade. Se adotarmos uma atitude ingênua para com ela, como se a estivessemos ouvindo pela primeira vez, não poderemos reprimir um sentimento de surpresa e perplexidade. Por que deveremos agir desse modo? Que bem isso nos trará? Acima de tudo, como conseguiremos agir desse modo? Como isso pode ser possível? Meu amor, para mim, é algo de valioso, que eu não devo jogar fora sem reflexão. A máxima me impõe deveres para cujo cumprimento devo estar preparado e disposto a efetuar sacrifícios. Se amo uma pessoa, ela tem de merecer meu amor de alguma maneira. (Não estou levando em consideração o uso que dela posso fazer, nem sua possível significação para mim como objeto sexual, de uma vez que nenhum desses dois tipos de relacionamento entra em questão onde o preceito de amar meu próximo se acha em jogo.) Ela merecerá meu amor, se for de tal modo semelhante a mim, em aspectos importantes, que eu me possa amar nela; merecê-lo-á também, se for de tal modo mais perfeita do que eu, que nela eu possa amar meu ideal de meu próprio eu (*self*). Terei ainda de amá-la, se for o filho de meu amigo, já que o sofrimento que este sentiria se algum dano lhe ocorresse seria meu sofrimento também – eu teria de partilhá-lo. Mas, se essa pessoa for um estranho para mim e não conseguir atrair-me por um de seus próprios valores, ou por qualquer significação que já possa ter adquirido para a minha vida emocional, me será muito difícil amá-la. Na verdade, eu estaria errado agindo assim, pois meu amor é valorizado por todos os meus como um sinal de minha preferência por eles, e seria injusto para com eles, colocar um estranho no mesmo plano em que eles estão. Se, no entanto, devo amá-lo (com esse amor universal) meramente porque ele também é um habitante da Terra, assim como o são um inseto, uma minhoca ou uma serpente, receio então que só uma pequena quantidade de meu amor caberá à sua parte – e não, em hipótese alguma, tanto quanto, pelo julgamento de minha razão, tenho o direito de reter para mim.

Qual é o sentido de um preceito enunciado com tanta solenidade, se seu cumprimento não pode ser recomendado como razoável?

## Arte



- *Golconda* (1953), de René Magritte. Nessa tela a provável intenção do pintor foi denunciar a massificação. Todos são iguais ao flutuarem sobre a cidade, representada, igualmente, de forma massificada.

## Psicologia/Diálogo



- Quem somos nós?  
Casa do Saber

## Documentário



- *Freud – Para além da alma*  
Documentário didático e esclarecedor sobre a vida e a obra de Freud.

**Cinema/Filme**

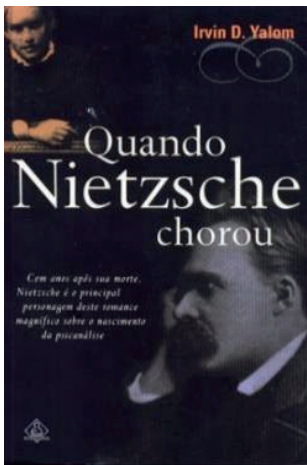


<https://goo.gl/Dw6DFL>

■ **Valsa com Bashir**

Filme israelita de 2008, escrito e dirigido por Ari Folman. No formato de documentário animado, o filme retrata as tentativas de Folman, um veterano da Guerra do Líbano de 1982, de recuperar as suas memórias perdidas dos eventos que marcaram o massacre de Sabra e Shatila. O filme foi lançado a 13 de maio de 2008 durante o Festival de Cannes e foi um dos cinco indicados ao Oscar de melhor filme estrangeiro, além de ter sido escolhido como Melhor Filme do Ano, pela Sociedade Nacional dos Críticos dos Estados Unidos.

**Literatura**



<http://www.clografia.com/2014/07/04/quando-nietzsche-chorou/>

■ **Quando Nietzsche Chorou (1992)**

Romance do psicoterapeuta e professor Irvin D. Yalom, que mescla elementos reais com a ficção. Obra que traça paralelo entre ficção e realidade e apresenta personagens históricos como Josef Breuer, professor do futuro pai da psicanálise, Sigmund Freud, e o filósofo Friedrich Nietzsche.

Através de um exame mais detalhado, descubro ainda outras dificuldades. Não meramente esse estranho é, em geral, indigno de meu amor; honestamente, tenho de confessar que ele possui mais direito a minha hostilidade e, até mesmo, meu ódio. Não parece apresentar o mais leve traço de amor por mim e não demonstra a mínima consideração para comigo. Se disso ele puder auferir uma vantagem qualquer, não hesitará em me prejudicar; tampouco pergunta a si mesmo se a vantagem assim obtida contém alguma proporção com a extensão do dano que causa em mim. Na verdade, não precisa nem mesmo auferir alguma vantagem; se puder satisfazer qualquer tipo de desejo com isso, não se importará em escarnecer de mim, em me insultar, me caluniar e me mostrar a superioridade de seu poder, e, quanto mais seguro se sentir e mais desamparado eu for, mais, com certeza, posso esperar que se comporte dessa maneira para comigo. Caso se conduza de modo diferente, caso mostre consideração e tolerância como um estranho, estou pronto a tratá-lo da mesma forma, em todo e qualquer caso e inteiramente fora de todo e qualquer preceito. Na verdade, se aquele imponente mandamento dissesse “**Ama a teu próximo como este te ama**”, eu não lhe faria objeções. E há um segundo mandamento que me parece mais incompreensível ainda e que desperta em mim uma oposição mais forte ainda. Tratasse do mandamento “Ama os teus inimigos”. Refletindo sobre ele, no entanto, percebo que estou errado em considerá-lo como uma imposição maior. No fundo, é a mesma coisa.

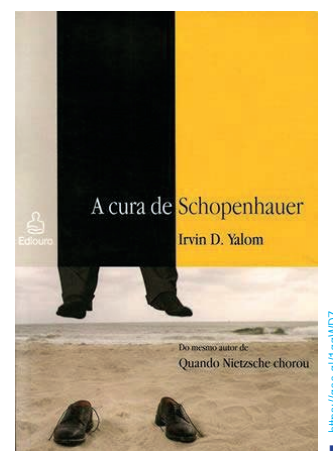
Acho que agora posso ouvir uma voz solene me repreendendo: “É precisamente porque teu próximo não é digno de amor, mas, pelo contrário, é teu inimigo, que deves amá-lo como a ti mesmo”. Compreendo então que se trata de um caso semelhante ao do *Credo quia absurdum* (Creio porque é absurdo).

Ora, é muito provável que meu próximo, quando lhe for prescrito que me ame como a si mesmo, responda exatamente como o fiz e me rejeite pelas mesmas razões. Espero que não tenha os mesmos fundamentos objetivos para fazê-lo, mas terá a mesma ideia que tenho. Ainda assim, o comportamento dos seres humanos apresenta diferenças que a ética, desprezando o fato de que tais diferenças são determinadas, classifica como “boas” ou “más”. Enquanto essas inegáveis diferenças não forem removidas, a obediência às elevadas exigências éticas acarreta prejuízos aos objetivos da civilização, por incentivar o ser mau. Não podemos deixar de lembrar um incidente ocorrido na câmara dos deputados francesa, quando a pena capital estava em debate. Um dos membros acabara de defender apaixonadamente a abolição dela e seu discurso estava sendo recebido com tumultuosos aplausos, quando uma voz vinda do plenário exclamou: “**Que messieurs les assassins commencent!**” (Que os senhores assassinos comecem!).

O elemento de verdade por trás disso tudo, elemento que as pessoas estão tão dispostas a repudiar, é que os homens não são criaturas *gentis* que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. – *Homo homini lúpus* (O homem é o lobo do homem). Quem, em face de toda sua experiência da vida e da história, terá a coragem de discutir essa asserção? Via de regra, essa cruel agressividade espera por alguma provocação, ou se coloca a serviço de algum outro intuito, cujo objetivo também poderia ter sido alcançado por medidas mais brandas. Em circunstâncias que lhe são favoráveis, quando as forças mentais contrárias que normalmente a inibem se encontram fora de ação, ela também se manifesta espontaneamente e revela o homem como uma besta selvagem, a quem a consideração para com sua própria espécie é algo estranho. Quem quer que lembre as atrocidades cometidas durante as migrações raciais ou as invasões dos hunos, ou pelos povos conhecidos como mongóis sob a chefia de Gengis Khan e Tamerlão, ou na captura de Jerusalém pelos piedosos cruzados, ou mesmo, na verdade, os horrores da recente guerra mundial, quem quer que lembre tais coisas terá de se curvar humildemente ante a verdade dessa opinião.

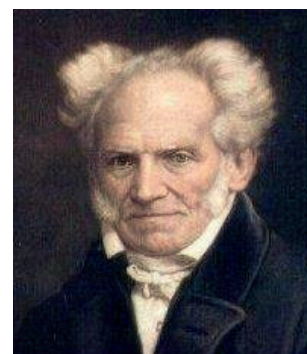
A existência da inclinação para a agressão, que podemos detectar em nós mesmos e supor com justiça que ela está presente nos outros, constitui o fator que perturba nossos relacionamentos com o nosso próximo e força a civilização a um tão elevado dispêndio [de energia]. Em consequência dessa mútua hostilidade primária dos seres humanos, a sociedade civilizada se vê permanentemente ameaçada de desintegração. O interesse pelo trabalho em comum não a manteria unida; as paixões instintivas são mais fortes que os interesses razoáveis. A civilização tem de utilizar esforços supremos a fim de estabelecer limites para os instintos agressivos do homem e manter suas manifestações sob controle por formações psíquicas reativas. Daí, portanto, o emprego de métodos destinados a incitar as pessoas a identificações e relacionamentos amorosos inibidos em sua finalidade, daí a restrição à vida sexual e daí, também, o mandamento ideal de amar ao próximo como a si mesmo, mandamento que é realmente justificado pelo fato de nada mais ir tão fortemente contra a natureza original do homem. A despeito de todos os esforços, esses empenhos da civilização até hoje não

## Literatura



- *A Cura de Schopenhauer* (2005)  
Romance de Irvin D. Yalom. A história se passa em torno das terapias em grupo coordenadas por Julius Hertzfeld, e a influência e participação de um antigo paciente, Philip Slate. O Livro utiliza de atualidades no mundo da psiquiatria e psicologia fazendo um enredo com a filosofia de Arthur Schopenhauer, filósofo do século XIX que afirma “viver é sofrer”.

## Filosofia



- Schopenhauer (1789-1860)  
Foi um filósofo alemão do século XIX. Ele é mais conhecido pela sua obra principal *O Mundo como Vontade e Representação* (1818). Foi a filosofia de Schopenhauer que serviu de base para toda a obra psicanalítica de Sigmund Freud.

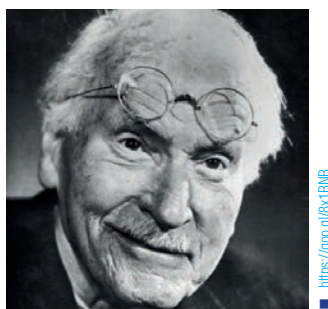


Cinema/Filme



■ *Um Método Perigoso* (2012)  
 Direção: David Cronenberg  
 O filme revela um episódio pouco conhecido, mas muito marcante na vida dos dois mais importantes psicólogos de todos os tempos. O jovem psicanalista Carl Jung começa um tratamento inovador na histérica Sabina Spielrein (Keira Knightley), sob influência de seu mestre e futuro colega, Sigmund Freud. Disposto a penetrar mais a fundo nos mistérios da mente humana, Jung verá algumas de suas ideias se chocarem com as teorias de Freud ao mesmo tempo em que se entrega a um romance alucinante e perigoso com a bela Sabina.

Psicologia



■ Carl Jung (1875-1961)  
 Foi um psiquiatra e psicoterapeuta suíço que fundou a psicologia analítica.

conseguiram muito. Espera-se impedir os excessos mais grosseiros da violência brutal por si mesma, supondo-se o direito de usar a violência contra os criminosos; no entanto, a lei não é capaz de deitar a mão sobre as manifestações mais cautelosas e refinadas da agressividade humana. Chega a hora em que cada um de nós tem de abandonar, como sendo ilusões, as esperanças que, na juventude, depositou em seus semelhantes, e aprende quanta dificuldade e sofrimento foram acrescentados à sua vida pela má vontade deles. Ao mesmo tempo, seria injusto censurar a civilização por tentar eliminar da atividade humana a luta e a competição. Elas são indubitavelmente indispensáveis. Mas oposição não é necessariamente inimizade; simplesmente, ela é mal empregada e tornada uma ocasião para a inimizade.

Os comunistas acreditam ter descoberto o caminho para nos livrar de nossos males. Segundo eles, o homem é inteiramente bom e bem disposto para como seu próximo, mas a instituição da propriedade privada corrompeu-lhe a natureza. A propriedade da riqueza privada confere poder ao indivíduo e, com ele, a tentação de maltratar o próximo, ao passo que o homem excluído da posse está fadado a se rebelar hostilmente contra seu opressor.

Se a propriedade privada fosse abolida, possuída em comum toda a riqueza e permitida a todos a partilha de sua fruição, a má vontade e a hostilidade desapareceriam entre os homens. Como as necessidades de todos seriam satisfeitas, ninguém teria razão alguma para encarar outrem como inimigo; todos, de boa vontade, empreenderiam o trabalho que se fizesse necessário. Não estou interessado em nenhuma crítica econômica do sistema comunista; não posso investigar se a abolição da propriedade privada é conveniente ou vantajosa. Mas sou capaz de reconhecer que as premissas psicológicas em que o sistema (comunista) se baseia são uma ilusão insustentável. Abolindo a propriedade privada, privamos o amor humano da agressão de um de seus instrumentos, decerto forte, embora, decerto também, não o mais forte; de maneira alguma, porém, alteramos as diferenças em poder e influência que são mal empregadas pela agressividade, nem tampouco alteramos nada em sua natureza. A agressividade não foi criada pela propriedade. Reinou quase sem limites nos tempos primitivos, quando a propriedade ainda era muito escassa, e já se apresenta no quarto das crianças, quase antes que a propriedade tenha abandonado sua forma anal e primária; constitui a base de toda relação de afeto e amor entre pessoas (com a única exceção, talvez, do relacionamento da mãe com seu filho homem). Se eliminamos os direitos pessoais sobre a riqueza material, ainda permanecem, no campo dos relacionamentos sexuais, prerrogativas fadadas a se tornarem a fonte da mais intensa antipatia e da mais violenta hostilidade entre homens que, sob outros aspectos, se encontram em pé de igualdade.

Se também removermos esse fator, permitindo a liberdade completa da vida sexual, e assim abolirmos a família, célula germinal da civilização, não podemos, é verdade, prever com facilidade quais os novos caminhos que o desenvolvimento da civilização vai tomar; uma coisa, porém, podemos esperar; é que, nesse caso, essa característica indestrutível da natureza humana seguirá a civilização.

Evidentemente, não é fácil aos homens abandonar a satisfação dessa inclinação para a agressão. Sem ela, eles não se sentem confortáveis. A vantagem que um grupo cultural, comparativamente pequeno, oferece, concedendo a esse instinto um escoadouro sob a forma de hostilidade contra intrusos, não é nada desprezível. É sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto sobrarem outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade. Em outra ocasião, examinei o fenômeno no qual são precisamente comunidades com territórios adjacentes, e mutuamente relacionadas também sob outros aspectos, que se empenham em rixas constantes, ridicularizando-se umas às outras, como os espanhóis e os portugueses por exemplo, os alemães do Norte e os alemães do Sul, os ingleses e os escoceses, e assim por diante. Dei a esse fenômeno o nome de “narcisismo das pequenas diferenças”, denominação que não ajuda muito a explicá-lo. Agora podemos ver que se trata de uma satisfação conveniente e relativamente inócua da inclinação para a agressão, através da qual a coesão entre os membros da comunidade é tornada mais fácil. Com respeito a isso, o povo judeu, espalhado por toda a parte, prestou os mais úteis serviços às civilizações dos países que os acolheram; infelizmente, porém, todos os massacres de judeus na Idade Média não bastaram para tornar o período mais pacífico e mais seguro para seus semelhantes cristãos. Quando, outrora, o Apóstolo Paulo postulou o amor universal entre os homens como o fundamento de sua comunidade cristã, uma extrema intolerância por parte da cristandade para com os que permaneceram fora dela tornou-se uma consequência inevitável. Para os romanos, que não fundaram no amor sua vida comunal como Estado, a intolerância religiosa era algo estranho, embora, entre eles, a religião fosse do interesse do Estado e este se achasse impregnado dela. Tampouco constituiu uma possibilidade inexequível que o sonho de um domínio mundial germânico exigisse o antissemitismo como seu complemento, sendo, portanto, compreensível que a tentativa de estabelecer uma civilização nova e comunista na Rússia encontre o seu apoio psicológico na perseguição aos burgueses. Não se pode senão imaginar, com preocupação, sobre o que farão os soviéticos depois que tiverem eliminado seus burgueses.

## Psicologia



<https://goo.gl/5D6Z1>

## Arte



<https://goo.gl/6T7ZH>

■ *Narciso*  
Caravaggio (1594-1596)  
Galeria Nacional de Arte Antiga

## Televisão



<https://goo.gl/15bnst>

■ Freud – Globo Ciência  
Programa didático e esclarecedor.

Arte



<https://www.gutenberg.org/pt/salvador-dali>

■ Sono (1937)  
Salvador Dalí



<https://www.wikimedia.org/pt/salvador-dali>

■ Salvador Dalí (1904-1989)  
O surrealismo do pintor está em consonância com as ideias de Freud. Seu trabalho chama a atenção pela incrível combinação de imagens bizarras, oníricas, com excelente qualidade plástica.



<https://www.oi62nc8u>

■ RG – Registro Geral  
Identidade – Quem sou eu?

Se a civilização impõe sacrifícios tão grandes, não apenas à sexualidade do homem, mas também à sua agressividade, podemos compreender melhor porque lhe é difícil ser feliz nessa civilização. Na realidade, o homem primitivo se achava em situação melhor, sem conhecer restrições de instinto. Em contrapartida, suas perspectivas de desfrutar dessa felicidade, por qualquer período de tempo, eram muito tênues. O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança. Não devemos esquecer, contudo, que na família primeva (relativo aos tempos primitivos) apenas o chefe desfrutava da liberdade instintiva; o resto vivia em opressão servil. Naquele período primitivo da civilização, o contraste entre uma minoria que gozava das vantagens da civilização e uma maioria privada dessas vantagens era, portanto, levada a seus extremos. Quanto aos povos primitivos que ainda hoje existem, pesquisas cuidadosas mostraram que sua vida instintiva não é, de maneira alguma, passível de ser invejada por causa de sua liberdade. Está sujeita a restrições de outra espécie, talvez mais severas do que aquelas que dizem respeito ao homem moderno.

Quando, com toda justiça, consideramos falho o presente estado de nossa civilização, por atender de forma tão inadequada às nossas exigências de um plano de vida que nos torne felizes, e por permitir a existência de tanto sofrimento, que provavelmente poderia ser evitado; quando, com crítica impiedosa, tentamos pôr à mostra as raízes de sua imperfeição, estamos indubitavelmente exercendo um direito justo, e não nos mostrando inimigos da civilização. Podemos esperar efetuar, gradativamente, em nossa civilização alterações tais, que satisfaçam melhor nossas necessidades e escapem às nossas críticas. Mas talvez possamos também nos familiarizar com a ideia de existirem dificuldades, ligadas à natureza da civilização, que não se submeterão a qualquer tentativa de reforma. Além e acima das tarefas de restringir os instintos, para as quais estamos preparados, reivindica nossa atenção o perigo de um estado de coisas que poderia ser chamado de “pobreza psicológica dos grupos”. Esse perigo é mais ameaçador onde os vínculos de uma sociedade são principalmente constituídos pelas identificações dos seus membros uns com os outros, enquanto que indivíduos do tipo de um líder não adquirem a importância que lhes deveria caber na formação de um grupo. O presente estado cultural dos Estados Unidos da América nos proporcionaria uma boa oportunidade para estudar o prejuízo à civilização, que assim é de se temer. Evitarei, porém, a tentação de ingressar numa crítica da civilização americana; não desejo dar a impressão de que eu mesmo estou empregando métodos americanos.

■ FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos* (1927-1931). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, volume XXI. Rio de Janeiro: Editora Imago. pp. 112-120.







## ■ TEXTO 5 – O AVESSO DO SUJEITO: PROVOCAÇÕES DE FOUCAULT PARA PENSAR OS DIREITOS HUMANOS

Gabriela Maia Rebouças

### Introdução: em torno da problemática do sujeito

Este ensaio foi construído a partir dos estudos sobre subjetividades e as implicações para os direitos humanos. O foco não é a subjetividade do intérprete ou da interpretação. A pergunta principal é: **qual a concepção de sujeito/subjetividade a partir da qual os direitos humanos se estruturam? Os obstáculos atuais na luta por direitos humanos apontam para a necessidade de pensar outras concepções de subjetividade, empreendida aqui com base nas provocações foucaultianas que desnudaram esse sujeito em seus interditos: loucura, delinquência e sexualidade.**

Há, portanto, duas linhas que se cruzam neste ensaio, transversalmente alinhavadas pela questão do sujeito universal: **de um lado, a legitimação filosófica dos direitos humanos atrelada à modernidade, concentrando-se na retórica de uma imagem de homem superior e racional que sufoca formas dissonantes de subjetividades e legitima uma prática hegemônica de vida, (neo)liberal e eurocêntrica. Por outro lado, as provocações de Foucault que, apontando o sujeito universal como um demiurgo, “um rosto de areia na orla do tempo”, um discurso recente próprio a uma *episteme* em vias de cisão, apresenta em suas várias pesquisas os avessos desse sujeito na figura do louco, do criminoso e do sujeito de desejo.**

Não há outro caminho para a questão: se nos incomoda a hiperinflação de discursos sobre direitos humanos, esvaziados, sobretudo, da capacidade de transformação social e emancipação dos sujeitos envolvidos, negando-se nas condições concretas de existência, à maior parte dos sujeitos, qualquer identificação com elementos deste discurso de direitos e de condição humana, é preciso enfrentar os fundamentos deste paradoxo e problematizar de que sujeito se fala e que sujeito se deseja constituir quando se trata de enunciar direitos humanos.

Além de uma multiplicação dissonante de discursos sobre direitos humanos, as dificuldades de lidar com um campo de direitos que se realiza simultaneamente na ordem internacional e nacional faz com que, *pari passu*, seja incrementada a teorização dos direitos fundamentais, acentuando os critérios de racionalidade e sistema, na configuração de uma ordem nacional alinhada a uma ordem ocidentalizada em proporções mundiais.

### Direito



■ Gabriela Maia Rebouças  
Doutora em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco e líder do grupo de pesquisa Acesso à Justiça, Direitos Humanos e Resolução e Conflitos, cadastrado no CNPq. Atualmente é docente do Mestrado em Direitos Humanos da Universidade Tiradentes (UNIT/SE) e pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Pós-Graduação da FITS/AL. Brasil.

### Filosofia



■ Michel Foucault (1926-1984)  
Foi um filósofo, historiador das ideias, teórico social, e crítico literário. Suas teorias abordam a relação entre poder e conhecimento e como eles são usados como uma forma de controle social por meio de instituições sociais.

## Vocabulário

**Subjetividade.** Característica do sujeito; aquilo que é pessoal, individual, que pertence ao sujeito e apenas a ele, sendo portanto, em última análise, inacessível a outrem e incomunicável. Interioridade. Vida interior.

## Filosofia



<https://www.alonshore.com.br/biografias/theodor-adorno.html>

■ Theodor Adorno (1903-1969)  
Foi um filósofo, sociólogo, musicólogo e compositor alemão. É um dos expoentes da chamada Escola de Frankfurt.

## Vocabulário

**Direitos fundamentais** referem-se àqueles direitos do ser humano que são reconhecidos na esfera do direito constitucional de um determinado Estado (caráter nacional-local). Diferem dos direitos humanos – com os quais são frequentemente confundidos – na medida em que os direitos humanos aspiram à validade universal.

Com efeito, concentrar-se na produção jurídica a partir da concretização de direitos pelos tribunais mundo afora tem relegado a discussão dos direitos humanos para fora das arenas da teoria e filosofia jurídica, tendo em vista um certo consenso em reconhecer que a teorização dos direitos fundamentais atenderia a apelos mais pragmáticos de concretização de direitos, ainda que limitados pelas contingências dos Estados (necessariamente alinhados a um mercado global, em tempos de neoliberalismo).

Os desdobramentos históricos de uma fragmentação entre direitos humanos e direitos fundamentais, vinculando os primeiros a uma positivação internacional e os segundos a uma positivação nacional (e garantida constitucionalmente) distancia ainda mais a teorização dos direitos humanos das lutas locais de emancipação e construção de novas formas de vida.

Portanto, desde seu nascedouro a teorização dos direitos humanos precisa enfrentar sérios problemas relativos à normatividade e ao campo de ação, nacional ou internacional. Mas não é só: precisa enfrentar também o distanciamento concreto do seu potencial emancipador e criativo e se perguntar quais sujeitos protege, e em que medida consegue garantir uma vida digna, empoderando e viabilizando subjetividades.

O ensaio é a forma metodológica (Rebouças, 2008) para este texto no campo da filosofia e teoria do direito. Partindo de Adorno (1986) e de Foucault (1984A) compreende-se o ensaio como uma atitude, uma verve orientada para a crítica, para a perspectiva de um sujeito, de um autor que lança mão de suas impressões e desafia o conhecimento dado, mas que não faz sentido desconectado deste conhecimento, guardando preocupações estéticas, críticas e constituindo, a um só tempo, compromissos com a realidade e com a invenção do novo. “O ensaio não é um gênero literário, mas é um ‘gênero do intervalo’ entre o ficcional e o não-ficcional, é um gênero da passagem” (Pinto, 1998, p. 89). A propriedade de se pensar pelo ensaio não é uma escolha aleatória, eletiva, mas uma forma de empreender uma dobra sobre si, e de se assumir na franqueza do dito: falar de sujeitos e subjetividades é falar de mim mesma, sujeito que sou, não de um objeto. Falar a partir de Foucault é assumir uma preocupação com o status da fala, com a estética da fala e com a invenção do pensamento.

As preocupações em torno dos atores – aqui pensados como subjetividades – denunciam os paradoxos de uma concepção posta de direitos humanos: moderna e liberal, esvaziada de seu potencial emancipador e criativo (ou seja, humano!) e reduzida aos direitos fundamentais, para explorar outras cartografias na construção de uma legitimação para o direito que repense, reinvente e liberte potenciais e

práticas humanitárias adormecidas. A aposta é explorar Foucault para refletir as insuficiências deste sujeito universal como fundamento dos direitos humanos e para pensar, diferentemente, a partir de subjetividades plurais e nômades.

### 1. Provocações de Foucault: a constituição do sujeito e seu avesso

Esta parte do texto foi retirada, tendo em vista a densidade da leitura. Caso julgue necessário, entre no *link* abaixo e faça a leitura completa do ensaio.

■ [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1692-25302015000200003](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-25302015000200003)

### 2. Direitos humanos e subjetividade(s): entre o posto e a (re)invenção

Neste tópico, o que estará em jogo é a articulação que o direito vai engendrar com esta perspectiva solipsista da subjetividade na construção da categoria dos direitos humanos. Apesar de se vislumbrar a modificação conceitual entre direitos subjetivos (entendidos como naturais e/ou racionais), direitos humanos e direitos fundamentais, o que permanece como fio condutor é a perspectiva filosófica de uma subjetividade que confere ao homem uma posição não só singular, como também superior na ordem das coisas, cujo substrato é tão forte que permite, a partir deste homem, supor conteúdos da razão ou da natureza humana, e daí derivar normas e conteúdos jurídicos. É a força do argumento da segurança e da verdade no mundo jurídico que nos seduz com a ilusão de uma igualdade irrealizável, como legitimadora e redentora.

A modernidade constrói-se sob o signo do individualismo antropológico e solipsista de um homem superior, ao qual é reconhecida uma dada subjetividade, tal qual denunciada por Foucault. A subjetividade pode ser, na perspectiva moderna, esta realização da própria razão como interiorização de um modo de pensar e exteriorização da moral como um modo de agir.

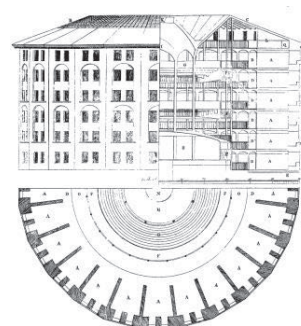
Como interiorização, vimos de que maneira os avessos do sujeito empreendem o controle sobre o indivíduo, sua alma, seu desejo, seu corpo natural. Como exteriorização, caberá ao direito a explicitação dos modos de agir de maneira privilegiada nos Estados modernos e contemporâneos.

Os direitos subjetivos serão, inicialmente, o foco de realização desta subjetividade moderna no sistema jurídico. Legitimando a subjetividade moderna, caberá ao direito garantir-lhe a força, poderes e direitos na construção de uma sociedade ordeira e livre, “apenas” sujeita ao Estado, sendo esta lógica determinante para o nascedouro do discurso sobre direitos humanos que se estabelece no séc. XIX e XX e permanece em muita evidência atualmente.

### Vocabulário

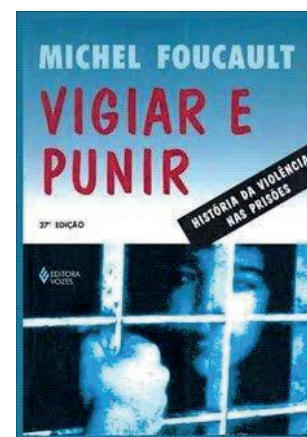
**Solipsismo** é a concepção filosófica de que, além de nós, só existem as nossas experiências.

**Panóptico** é um termo utilizado para designar uma penitenciária ideal, concebida pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham em 1785, que permite a um único vigilante observar todos os prisioneiros, sem que estes possam saber se estão ou não sendo observados. Foucault se refere a esse modelo panóptico para descrever as características das instituições que nos controlam.



■ <https://oco.ufrpe.br/>

### Filosofia/Sociologia



■ <https://razoemadquada.com/filosofia-essencial/michel-foucault/vigiar-e-punir/>

■ *Vigiar e Punir* (1975)  
Autor: Michel Foucault  
Livro dedicado à análise da vigilância e da punição, que se encontram em várias entidades estatais (hospitais, prisões e escolas).



**História**



https://goo.gl/7zau1u

**ONU**

Uma substituição à ineficiente Liga das Nações, a organização foi estabelecida em 24 de outubro de 1945, após o término da Segunda Guerra Mundial, com a intenção de impedir outro conflito como aquele.

Um dos objetivos principais da ONU é “promover e estimular o respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais para todos, sem distinção de raça, sexo, língua ou religião”, e os estados-membros se comprometem a agir “em cooperação com a ONU, em conjunto ou separadamente”. Em 1948, a Assembleia Geral adotou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, escrita pela viúva de Franklin D. Roosevelt, Eleanor, com o advogado francês René Cassin.

**História**



https://goo.gl/8N5SK4

■ Eleanor Roosevelt com a Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1949.

Vários diplomas legais e políticos vão responder pelo que o Ocidente vem, historicamente, denominando direitos humanos. A primeira fase de internacionalização (Comparato, 2003) destes direitos tem início na segunda metade do séc. XIX e se prolonga até a segunda grande guerra mundial, marco histórico que delimita a segunda fase de internacionalização, cujo símbolo é a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948).

Partindo de uma natureza humana centrada na ideia de dignidade, e tendo em vista a união dos povos (estabelecida definitivamente como valor após a segunda grande guerra), os direitos humanos aparecem inicialmente com um sentido político preponderante sobre o próprio sentido jurídico. Não obstante a importância histórica e política, o lastro de subjetividade que tais direitos preservam ainda se circunscreve numa perspectiva de construção de um super-homem irrealizável, reforçando os antagonismos entre discursos e práticas e evidenciando as vantagens pragmáticas de um discurso de direitos fundamentais<sup>11</sup>.

O que se pretende mostrar, por ora, é que o direito, sendo um dos pilares deste projeto de modernidade, e nela tendo uma posição central, sustenta-a a qualquer custo.

Aproveitando e reforçando a noção de subjetividade moderna o direito vai se firmar como um sistema racional, alicerçado em conceitos como direito subjetivo, autonomia da vontade e obediência à lei.

Nesse sentido, os direitos subjetivos, no qual se baseia a teoria dos direitos humanos hegemônica, presta um vigoroso auxílio na articulação de uma subordinação da política à moral para a construção de um imaginário burguês. E, com isso, reforçaríamos a perspectiva de uma projeção ideal e metafísica do sujeito.

Por outro lado, é perceptível que a discussão de direitos humanos surgida em um solo filosófico típico da modernidade ganha uma funcionalidade mais política do que jurídica (acontece o inverso no discurso dos direitos fundamentais), portanto adjacente à legitimação como direitos. É como se o discurso de direitos humanos funcionasse como uma válvula redentora ou legitimadora da concretização do Estado liberal sem, contudo, aliviar as tensões conflituosas dentro dele.

Ao mesmo tempo, as perspectivas teóricas postas de direitos humanos bebem das concepções de direitos subjetivos, reforçando os atributos de universalização. Direitos humanos viram, nesta perspectiva, normatização, pautas e standards da subjetividade moderna, instâncias contrafáticas de sua própria realização. Neste sentido, os direitos humanos são frágeis instrumentos de concretização do direito de muitos.

Por isso, quando David Sánchez Rubio propõe repensar os direitos humanos, ele parte da perspectiva que se encontram os direitos humanos hoje, tanto em sua prática quanto em sua construção teórica, anestesiados. Rubio chama a atenção para o fato de que *“em la época actual, y dentro del contexto de la cultura occidental, el imaginário sobre el cual se fundamenta y se asienta nuestra manera de entender derechos humanos es insuficiente, bastante reducido y demasiado estrecho”* (Rubio, 2007, p. 11).

Seu itinerário será aquele de pensar imagens, cegueiras, espelhos e obscuridades sobre os direitos humanos, passando pela análise das intervenções humanitárias violentas em nome dos direitos humanos, a chegar aos paradoxos do universal para propor, enfim, que na confluência entre ficção e ciência se possa repensar os direitos humanos para além da modernidade, reconstruindo a própria característica do humano a partir de um referencial de subjetividades nômades (Rubio, 2007, p. 11).

A ideia de subjetividades mutantes, nômades, trazida por Rubio se conecta com o uso que Rosi Braidotti (2002) propõe ao defender uma **perspectiva feminista**, não simplória, da relação entre diversidade cultural e gênero. Braidotti (2002) discute a propriedade da adjetivação nômade para significar esta outra perspectiva da subjetividade, que privilegia a diferença, que privilegia o movimento de deslocar o olhar histórico e reinventar a existência, e não mais a identidade, o mesmo e o progresso. Abandonando a subjetividade moderna, *“a renúncia a isto tudo seria uma posição mais confortável, em favor de uma visão descentralizada e multi-dimensionada do sujeito como entidade dinâmica e mutante, situada em um contexto, em transformação constante”* (Braidotti, pp.9-10).

Inserida no caldeirão da discussão da pós-modernidade, a subjetividade nômade *“tem a ver com a simultaneidade de identidades complexas e multi-dimensionadas. (...) O sujeito nômade é um mito, ou ficção política, que me permite pensar sobre e mover-me através de categorias estabelecidas e níveis de experiência”* (Braidotti, 2002, p.10).

No sentido aqui proposto, Rubio compartilha a crítica de se reduzir os direitos humanos aos direitos fundamentais constitucionalmente previstos, como um elemento de esvaziamento do potencial transformador dos sujeitos envolvidos, acirrando o abismo entre normatividade e efetividade de tais direitos. *“Pese a existir um reconocimiento de la importancia de los derechos fundamentales o derechos humanos constitucionalizados, los mecanismos de no aplicabilidad y la ausencia de garantías convincentes estarían a la orden de todos los días”* (Rubio, 2007, p. 23).

## Animação



### ■ Children

Toda criança tem o direito à educação. Que tipo de educação? Valorizam-se as especificidades de cada grupo social? Essa animação aborda o controle nas escolas, uma das formas de controle social estipuladas por Foucault.

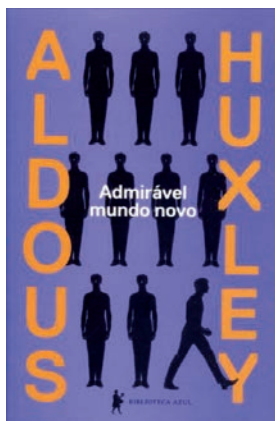
## Transversalidade



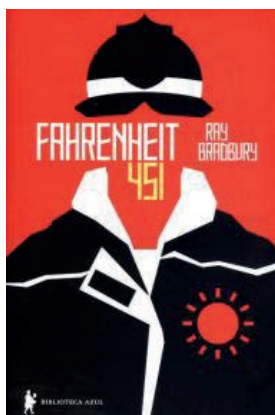
**Feminismo:** conjunto de movimentos políticos, sociais, ideologias e filosofias que têm como objetivo comum: **direitos equânimes (iguais)** e uma vivência humana por meio do **empoderamento feminino** e da libertação de padrões opressores patriarcais, baseados em normas de gênero.



Literatura



■ *Admirável Mundo Novo* (1932)  
 Autor: Aldous Huxley  
 Um hipotético futuro onde as pessoas são condicionadas biológica e psicologicamente a viverem em harmonia com as leis e regras sociais, dentro de uma sociedade organizada por castas.



■ *Fahrenheit 451* (1953)  
 Autor: Ray Bradbury  
 O romance apresenta um futuro em que todos os livros são proibidos, opiniões próprias são consideradas antissociais e hedonistas, e o pensamento crítico é suprimido. – Existe um filme que retrata esse romance de Bradbury. O filme tem o mesmo nome do livro.

A construção de uma identidade a partir da qual a subjetividade é pensada como lastro para os direitos humanos e, por conseguinte, para os direitos fundamentais, de onde se extraem critérios para classificar gênero, sexo, raça, classe, etnia, religião, são critérios a um só tempo para a igualdade formal discursiva como para a desigualdade material concretizada. Para enfrentar esta anestesia paradoxal, torna-se fundamental compreender *a democracia entendida como um modo de vida e os direitos humanos “como procesos de creación continua de tramas sociales de reconocimiento y subjetividades a tempo completo y em todo lugar”* (Rubio, 2007, p. 27).

Assim, repensar os direitos humanos importa em explorar a ciência-ficção na construção de um imaginário social e de uma *prática emancipatória por novas formas de dignidade humana, sinestésicas, de grupos e coletividades que enfrentam a luta, resistem e repensam sua existência, na criação de relações humanas que superem as condições atuais de exclusão, exploração, dominação, marginalização e as transformem em relações de inclusão e participação, horizontais e solidárias* (Rubio, 2007, p. 119).

Esta perspectiva mitigada dos direitos humanos que denunciamos é tanto **castradora das diferenças** quanto inaudita para as lutas e sofrimentos de populações inteiras excluídas das sociedades ocidentais em suas bandeiras universalizantes. *É preciso (re)inventar novas práticas e legitimar esta outra perspectiva sinestésica dos direitos humanos. Importa, então, explorar o imaginário de Joaquín Herrera Flores (2009A).*

Flores situa inicialmente os direitos humanos como “a afirmação da luta do ser humano para ver cumpridos seus desejos e necessidades nos contextos vitais em que está situado” (Flores, 2009A, p. 25). Por isso, *opõe-se a categorizar os direitos humanos como privilégios, declarações de intenções ou postulados metafísicos apriorísticos. Contrapõe-se a identificar o universal como transcendência ou racionalidade lógico-dedutiva. Antes, o universal dos direitos humanos deve ser compreendido na imanência do fortalecimento de indivíduos, grupos e organizações que buscam acesso a bens que “fazem com que a vida seja digna de ser vivida”* (Flores, p. 25).

Para tanto, é preciso superar o discurso dos direitos inalienáveis, de uma concepção clássica de direitos humanos como o direito de ter direitos, que, em ambos os casos, encerram a discussão dos direitos humanos num catálogo ou plataforma de direitos reconhecidos formalmente ou normativamente. *Mas, se esses direitos não são transformados em empoderamento dos sujeitos envolvidos nos processos de luta, o que adianta vê-los reconhecidos retoricamente em diplomas legais ou textos jurídicos?* Este simplismo de visão sobre os direitos humanos é denunciado por Flores (2009A, p.33) como um círculo vicioso, *paralisante*.

Reconhece Flores (2009A) que, para (re)inventar os direitos humanos, é preciso enfrentar a complexidade cultural, empírica, jurídica, científica, filosófica, política e econômica que os envolve, isso porque toda cultura está contaminada por muitas culturas e racionalidades. Daí a necessidade de se propor a interdisciplinaridade, a interculturalidade e completude dos direitos humanos, no seu incessante processo de construção, desconstrução e reconstrução de conceitos.

Esta complexidade multifacetada só poderá ser enfrentada com uma teoria crítica e realista dos direitos humanos, que envolva uma perspectiva integradora e contextualizada em práticas sociais emancipadoras. Ou seja, para ser realista, importa saber onde estamos e que caminhos podem ser propostos, olhando a vida em sua imanência, em suas condições concretas.

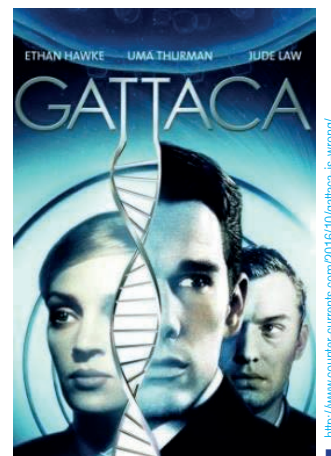
Por outro lado, para ativar uma teoria crítica, é preciso reconhecê-la como atitude de resistência e combate das condições dadas, como capacidade para elaborar uma visão alternativa do mundo, para além de suas atuais contingências.

Portanto, o pensamento crítico e realista é também um pensamento criativo e propositivo, e é preciso abrir a possibilidade de as pessoas se defenderem de acordo com os seus próprios critérios de dignidade humana, conforme o contexto cultural, ético, político e social. **A teoria crítica dos direitos humanos não fundamenta nem se serve, portanto, de um sujeito universal.**

Surgem então os cinco deveres básicos para os que pretendem (re)inventar com Herrera (Flores, 2009A, pp. 67-69) os direitos humanos: a partir de uma plataforma de compromissos e deveres para construir zonas de contato emancipadoras, importa em **Reconhecimento, Respeito, Reciprocidade, Responsabilidade e Redistribuição**. Com isso, seria possível construir uma nova cultura dos direitos humanos que contempla a abertura social triplamente caracterizada: abertura epistemológica, intercultural e política (para a democracia participativa), atualizando a esperança na condução da ação humana.

Por outro lado, para uma compreensão definitiva das contribuições de uma teoria crítica dos direitos humanos, é preciso evidenciar a **ética da alteridade** de que fala Dussel (1995), na construção de sua filosofia da libertação. **A condição primeira da alteridade, que é o encarar o outro em sua singularidade, exige uma ética, no sentido de que viver é conviver.** E vai além: significa compreender as condições iminentes dos excluídos, a dor em sua exclusão, na superação da intolerância de ver o outro como o oposto de si, o inimigo; significa **não criminalizar o diferente**, reduzindo-o sempre ao mesmo; significa, sim, tomar consciência da história e dos diferentes protagonistas da história, compreendendo as lutas por emancipação como âmago de uma sociedade libertária e democrática.

## Cinema/Filme

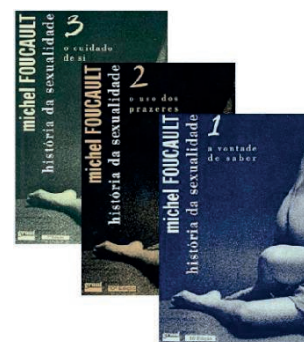


- **Gattaca** (1997)  
Diretor: Andrew Niccol  
Ficção científica que aborda as preocupações sobre as tecnologias reprodutivas que facilitam a eugenia e as possíveis consequências de tais desenvolvimentos tecnológicos para a sociedade.

## Vocabulário

**Alteridade** é a capacidade de se colocar no lugar do outro na relação interpessoal (relação com grupos, família, trabalho, lazer; é a relação que temos com os outros), com consideração, identificação e diálogo com o outro.

## Filosofia/História



- **História da Sexualidade** (1976)  
Autor: Michel Foucault  
Estudo em três tomos sobre a sexualidade no mundo ocidental escrito pelo filósofo e historiador francês Michel Foucault.

## Filosofia



<https://poco.givv.com/4h>

■ Félix Guatarri (1930-1992)  
Foi um filósofo, psicanalista e militante revolucionário francês praticamente autodidata, que não chegou a cumprir a burocracia de nenhum título universitário, produziu uma grande quantidade de textos



<https://poco.givv.com/4h>

■ Gilles Deleuze (1925-1995)  
Foi um filósofo francês, vinculado aos denominados movimentos pós-estruturalistas.

## Vocabulário

**Biopoder** é a prática dos estados modernos e sua regulação dos que a ele estão sujeitos por meio de “uma explosão de técnicas numerosas e diversas para obter a subjugação dos corpos e o controle de populações”.

Neste mesmo sentido, quando Santos (2013) confronta a luta dos direitos humanos com as religiões, encontra o cinismo das concepções hegemônicas de direitos humanos, e propõe uma concepção pós-secularista dos direitos humanos que alia as lutas contra-hegemônicas por direitos às teologias progressistas, tal qual a teologia da libertação, de Freire, Boff e Dussel. “Se Deus fosse um ativista de direitos humanos, ele ou ela estariam definitivamente em busca de uma concepção contra-hegemônica dos direitos humanos e de uma prática coerente com ela” (Santos, p. 142).

Enfim, é preciso garantir aos sujeitos que os modos de subjetivação propostos por Foucault, as tecnologias de si, possam ativar não apenas o outro do sujeito, mas diferentes sujeitos, nômades, mutantes, dissonantes, sujeitos empoderados que criam e lutam por suas condições de vida digna. Os direitos humanos, enfim, não podem estar a serviço do opressor ou apenas como instrumento pós-violatório, precisam constituir a ação transformadora das sujeições e opressões. Tem que servir, como Foucault (2001B) pensou em relação ao Anti-Édipo de **Guatarri e Deleuze**, para constituir uma vida não fascista, liberando a ação política de toda forma de paranoia unitária e totalizante, fazendo crescer a ação, o pensamento e os desejos por proliferação, justaposição e disjunção, liberando-se das velhas categorias do Negativo (a lei, o limite, a castração, a falta, a lacuna), ligando o desejo com a realidade, utilizando a prática política como um intensificador do pensamento, e não exigindo da ação política que ela restabeleça os “direitos” do indivíduo, superando uma perspectiva tradicional de direitos humanos pela poética de uma crítica.

## 3. Considerações finais: ou ativar a crítica para realizar direitos humanos

A perspectiva de uma subjetividade moderna que criticamos reside no fato de se estruturar a partir da razão, mantendo a universalização e naturalização de uma forma de vida, sujeitada ao Estado. Esta perspectiva da subjetividade moderna sufoca a liberdade e cria um acento muito forte em uma identidade padrão. Nesta linha, é possível perceber como pode significar, ao contrário de liberar o indivíduo, sujeitá-lo cada vez mais aos controles do Estado, sejam na esfera de uma microfísica disciplinar, seja na perspectiva macro de um biopoder que incide sobre as populações.

A partir da crítica a esta imagem de sujeito denunciada que sustenta uma parte substancial dos discursos e concepções de direitos humanos, aponta-se para a ideia de subjetividades nômades, transitórias, libertas, na construção de um *éthos* que implique em uma dimensão política e ética, uma dimensão da própria liberdade. O direito, incluindo os direitos humanos, no entanto, ainda é um campo demasiadamente apegado à



racionalidade moderna, o que reforça os elementos dessa subjetividade criticável, que se apresenta como universal, essencial e identitária.

As teorias do direito na contemporaneidade precisam enfrentar a crítica aos aspectos exageradamente formais ou instrumentais desta racionalidade. Os estudos em torno dos direitos humanos apontam para uma prevalência hegemônica de uma visão tradicional, normativa e pós-violatória, pouco sensível às modulações da subjetividade. **É em parte porque direcionado a um sujeito universal que os direitos humanos se tornam insensíveis às dores e contextos regionais, e pouco efetivos em relação às lutas sociais.**

As críticas dirigidas ao discurso dos direitos humanos implicariam em pensar para além do modelo de subjetividade posto. **Pensar em subjetividades, no plural, como formas de constituir aquilo que somos, técnicas e maneiras de modularmos a existência, criando um repertório de possibilidades de si, vai obrigar o direito a repensar seus fundamentos, e a recolocar para o sujeito o problema da diferença, de uma alteridade que compartilhamos, e não apenas toleramos.**

No debate discursivo e ideológico, a teoria crítica dos direitos humanos, com sua ênfase na emancipação e resistência dos grupos oprimidos em constituir as condições para uma vida melhor e mais digna, encontra nas denúncias e escavações de Foucault sobre a subjetividade um reforço aos seus fundamentos, colocando para os direitos humanos o desafio de experimentar uma dimensão ética e política diferente, comprometida no campo da imanência, da ação, da vida, e não mais no campo puramente normativo. **Porque os direitos humanos podem ser, para além de cartas e tratados, a realização de vidas emancipadas.**

## NOTAS E BIBLIOGRAFIA

Esta parte do texto foi retirada, tendo em vista a densidade da leitura. Caso julgue necessário, entre no *link* abaixo e faça a leitura completa do ensaio.

- [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1692-25302015000200003](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-25302015000200003)

## Filosofia/História



- *História da Loucura* (1961)  
Autor: Michel Foucault  
Estudo, sob a perspectiva arqueológica, das ideias, práticas, instituições, arte e literatura concernentes ao tema da loucura na história ocidental.

## Vídeo/Diálogo



- Quem Somos Nós?  
Michel Foucault, por Oswaldo Giacoia Júnior.





A large, light orange rectangular area with rounded corners, containing 30 horizontal black lines for writing. The lines are evenly spaced and extend across the width of the area.



## ■ TEXTO 6 – O MITO DE SÍSIFO E SUA CONOTAÇÃO CONTEMPORÂNEA

**Em uma das mais incríveis narrativas míticas gregas ocorreu um episódio de punição devido à esperteza de Sísifo, que enganou os deuses e foi condenado a um trabalho sem fim.**

Sísifo (e não Euler, ex-jogador do Palmeiras da década de 90) é o filho do vento (o deus Éolo). Trata-se da narrativa mítica da Grécia Antiga de um camponês que fundou a cidade de Corinto (antes chamada de Éfira), conhecida por ser povoada de homens que brotaram de cogumelos. Ele se casou com uma das Plêiades (conjunto de estrelas), Mérope, filha do deus Atlas.

Como camponês, Sísifo tinha um rebanho que ia diminuindo sem que ele notasse a razão. Era que um Autólico, um vizinho seu, tinha a capacidade de se metamorfosear em animais e usava essa capacidade para adentrar nas propriedades alheias sem ser notado e roubar os animais nos quais poderia se transformar. Um dia, Sísifo resolveu marcar o seu rebanho e conseguiu seguir as pegadas que levaram até a casa de Autólico, comprovando que este o roubava. Assim, chamou testemunhas para atestar a ladroagem e enquanto os vizinhos discutiam sobre o roubo, Sísifo rodeou a casa e, ao topar com a filha de Autólico, Anticleia, uniu-se a ela e gerou o astuto Odisseu (que tem como marca do pai a esperteza, inclusive mostrada nesse ato).

No entanto, longe dali, ocorria o episódio da abdução de Egina por Zeus. O pai de Egina, Esopo, ao procurá-la, encontrou-se com Sísifo que denunciou Zeus. Este, ao escapar da fúria do deus Esopo, vingou-se de Sísifo e ordenou que Hades o levasse ao Tártaro (mundo subterrâneo onde vivem as almas condenadas). Sísifo pediu então a sua esposa, Mérope, que não o enterrasse. Com isso, já no Tártaro, ele persuadiu Perséfone a deixar-lhe voltar à vida para organizar seu sepultamento e se vingar dos negligentes que não o fizeram. Ela o deixou ir por três dias, mas ele quebrou, claro, sua promessa, até que Hermes foi indicado a trazê-lo à força novamente.

Sísifo, então, recebeu uma punição exemplar: rolar diariamente uma pedra montanha acima até o topo. Ao chegar ao topo, o peso e o cansaço promovidos pela fadiga fariam a pedra rolar novamente até o chão e no outro dia ele deveria começar tudo novamente e assim para todo o sempre. Essa punição era um modo de envergonhar Sísifo por sua esperteza e habilidade usadas para tramar contra os deuses.

### Filosofia e Literatura



■ Albert Camus (1913-1960)  
Foi um escritor, romancista, ensaísta, dramaturgo e filósofo francês nascido na Argélia. Camus recebeu o Prêmio Nobel de Literatura de 1957 “por sua importante produção literária, que, com seriedade lúcida, ilumina os problemas da consciência humana em nossos tempos”.

### Literatura

#### Livro paradidático



■ *O Mito de Sísifo* (1941)  
Autor: Albert Camus  
Camus introduz sua filosofia do absurdo: o homem em busca de sentido, unidade e clareza no rosto de um mundo ininteligível desprovido de Deus e eternidade. Será que a realização do absurdo exige o suicídio? Camus responde: “Não. Exige revolta”. Ele então descreve várias abordagens do absurdo na vida.

No século XX, um autor do movimento conhecido como “existencialismo”, Albert Camus, retomou o mito para explicar a condição humana e promover o que ficou conhecido como “A revolta metafísica”. Explicava Camus que a vida dos homens era tal como o mito de Sísifo: seguir uma rotina diária, sem sentido próprio, determinada por instâncias como a religião e o sistema capitalista de produção. No mundo administrado, levantamos de manhã, trabalhamos, comemos, reproduzimos etc., e tudo isso não faz o menor sentido, já que se refere a modos de pensar que se impõem ao indivíduo sem que ele participe da estruturação desse modo de vida, como se não tivéssemos escolhas.

Portanto, ainda que não se precise chegar aos extremos de Camus, o mito serve para mostrar que, seguindo as ideologias dominantes, seremos punidos com a mesmice, com o sentido heterônomo. Fica o alerta para a compreensão sobre a liberdade e a responsabilidade humana com relação à sua vida, ao seu mundo e aos outros.

- Por João Francisco P. Cabral. Colaborador Brasil Escola, graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU, mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Disponível em: <http://brasilescuela.uol.com.br/filosofia/o-mito-sisifo-sua-conotacao-contemporanea.htm>.



## ATIVIDADE 1

Faça a leitura do livro de Camus, *O Mito de Sísifo*. No entanto, é fundamental que você note sentido naquilo que é narrado.

Não leia por ser uma obrigação, tampouco porque cairá na prova ou porque o professor está solicitando. Para ler um livro como esse, não se sinta como Sísifo, realizando eternamente um trabalho sem nenhum sentido. Encontre em suas páginas uma crítica a tudo aquilo que lhe é imposto e pouco lhe foi explicado. Boa leitura.

**Caso precise de inspiração, assista ao vídeo abaixo.**

Filme: *Como a literatura pode mudar sua vida* – Alain de Botton



https://www.youtube.com/watch?v=AGASU0og8SU





## ■ EXERCÍCIOS – QUESTÕES DE VESTIBULARES RELACIONADAS AOS CONTEÚDOS ESTUDADOS DURANTE O TRIMESTRE

1. (UNESP/2015) Seja como termo, seja como conceito, a filosofia é considerada pela quase totalidade dos estudiosos como criação própria do gênio dos gregos. Sendo assim, a superioridade dos gregos em relação aos outros povos nesse ponto específico é de caráter não puramente quantitativo, mas qualitativo, porque o que eles criaram, instituindo a filosofia, constitui novidade que, em certo sentido, é absoluta. Com efeito, não é em qualquer cultura que a ciência é possível. Há ideias que tornam estruturalmente impossível o nascimento e o desenvolvimento de determinadas concepções – e, até mesmo, ideias que interdita toda a ciência em seu conjunto, pelo menos a ciência como hoje a conhecemos. Pois bem, em função de suas categorias racionais, foi a filosofia que possibilitou o nascimento da ciência, e, em certo sentido, a gerou. E reconhecer isso significa também reconhecer aos gregos o mérito de terem dado uma contribuição verdadeiramente excepcional à história da civilização.

(Giovanni Reale e Dario Antiseri. *História da filosofia*, vol. 1, 1990. Adaptado.)

Baseando-se no texto, explique por que a definição apresentada de “filosofia” pode ser considerada eurocêntrica. Explique também que tipo de ideias apresentaria a característica de impedir o desenvolvimento do conhecimento científico.

---



---



---



---



---



---



---



---



---



---

2. (UNESP/2015) Do ponto de vista do Iluminismo, a ilusão deixa de ser uma simples deficiência subjetiva, e passa a enraizar-se em contextos de dominação, de onde a ilusão deriva e se incumbe de estabilizar. O preconceito – a opinião falsa, não controlável pela razão e pela experiência – revela seu substrato político. É no interesse do poder que a razão é capturada pelas perturbações emocionais, abstendo-se do esforço necessário para libertar-se das paixões perversas, e para romper o véu das aparências, que impedem uma reflexão emancipatória. Deixando-se arrastar pelas interferências, a razão não pode pensar o sistema social em sua realidade. Prisioneira do dogmatismo, que nem pode ser submetido ao tribunal da experiência nem permite a instauração desse tribunal, a razão está entregue, sem defesa, às imposturas da religião e de todos os outros dogmas legitimadores.

(Sérgio Paulo Rouanet. *A razão cativa*, 1990. Adaptado.)

Considerando o texto e o título sugestivo do livro de Rouanet, explique as implicações políticas do cativo da razão e defina o que significa a reflexão emancipatória referida pelo autor.

---



---



---



---



---



---



---



---



---



---

3. (UEMA/2015) Gilberto Cotrim (2006, p. 212), ao tratar da pós-modernidade, comenta as ideias de Michel Foucault, nas quais “[...] as sociedades modernas apresentam uma nova organização do poder que se desenvolveu a partir do século XVIII. Nessa nova organização, o poder não se concentra apenas no setor político e nas suas formas de repressão, pois está disseminado pelos vários âmbitos da vida social [...] [e] o poder fragmentou-se em micropoderes e tornou-se muito mais eficaz. Assim, em vez de se deter apenas no macropoder concentrado no Estado, [os] micropoderes se espalham pelas mais diversas instituições da vida social. Isto é, os poderes exercidos por uma rede imensa de pessoas, por exemplo: os pais, os porteiros, os enfermeiros, os professores, as secretarias, os guardas, os fiscais etc.”

(COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia: história e grandes temas*. São Paulo: Saraiva, 2006. Adaptado.)

Pelo exposto por Gilberto Cotrim sobre as ideias de Foucault, a principal função dos micropoderes no corpo social é interiorizar e fazer cumprir

- a) o ideal de igualdade entre os homens.
- b) o total direito político de acordo com as etnias.
- c) as normas estabelecidas pela disciplina social.
- d) a repressão exercida pelos menos instruídos.
- e) o ideal de liberdade individual.

4. (UNESP/2015) Para o teórico Boaventura de Sousa Santos, o direito se submeteu à racionalidade cognitivo-instrumental da ciência moderna e tornou-se ele próprio científico. Existe a necessidade de repensarmos os direitos humanos. Boaventura nos instiga a pensar que eles possuem um caráter racional e regulador da vida humana. Esses direitos não colaboram para eliminar as assimetrias políticas, culturais, sociais e econômicas existentes, especialmente nos países periféricos. Os direitos humanos, num plano universalista e aberto a todos, não modificam as estruturas desiguais, mas ratificam a ordenação normativa para comandar uma sociedade.

(Adriano São João e João Henrique da Silva. “A historicidade dos direitos humanos”. *Filosofia, ciência e vida*, dezembro de 2014. Adaptado.)

De acordo com o texto, os direitos humanos são passíveis de crítica, porque

- a) desempenham um papel meramente formal de proteção da vida.
- b) inexistem padrões universalistas aplicáveis à totalidade da humanidade.
- c) são incompatíveis com os valores culturais de nações não ocidentais.
- d) sua estrutura normativa carece de racionalidade e de cientificidade.
- e) são destituídos de uma visão religiosa e espiritualista de mundo.

5. (UEMA/2015) Leia o poema do moçambicano Craveirinha, “Cantiga do negro do betelão”.

Se me visses morrer  
Os milhões de vezes que nasci...  
Se me visses chorar  
Os milhões de vezes que te riste...  
Se me visses gritar  
Os milhões de vezes que me calei...  
Se me visses cantar  
Os milhões de vezes que morri...  
E sangrei  
Digo-te, irmão europeu  
Também tu  
Havias de nascer  
Havias de chorar  
Havias de cantar  
Havias de gritar  
Havias de morrer  
E sangrar...  
Milhões de vezes como eu

(CRAVEIRINHA. *Revista do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFCLH da USP*. São Paulo: Edusp, 2002, p.100.)

O poeta constrói ou reconstrói a realidade em seus versos e o filósofo, ao ser “tocado” pela poesia, é chamado a refletir sobre ela. A primeira condição ou primeira virtude para o filosofar é

- a) problematizar.
- b) questionar.
- c) persuadir.
- d) teorizar.
- e) admirar.

6. (UNICAMP/2014) A dúvida é uma atitude que contribui para o surgimento do pensamento filosófico moderno. Neste comportamento, a verdade é atingida através da supressão provisória de todo conhecimento, que passa a ser considerado como mera opinião. A dúvida metódica aguça o espírito crítico próprio da Filosofia.

(Gerd A. Bornheim. *Introdução ao filosofar*. Porto Alegre: Editora Globo, 1970, p. 11. Adaptado.)

A partir do texto, é CORRETO afirmar que

- a) a Filosofia estabelece que opinião, conhecimento e verdade são conceitos equivalentes.
- b) a dúvida é necessária para o pensamento filosófico, por ser espontânea e dispensar o rigor metodológico.
- c) o espírito crítico é uma característica da Filosofia e surge quando opiniões e verdades são coincidentes.
- d) a dúvida, o questionamento rigoroso e o espírito crítico são fundamentos do pensamento filosófico moderno.

7. (UNESP/2014) Governos que se metem na vida dos outros são governos autoritários. Na história temos dois grandes exemplos: o fascismo e o comunismo. Em nossa época existe uma outra tentação totalitária, aparentemente mais invisível e, por isso mesmo, talvez, mais perigosa: o “totalitarismo do bem”. A saúde sempre foi um dos substantivos preferidos das almas e dos governos autoritários. Quem estudar os governos autoritários verá que a “vida cientificamente saudável” sempre foi uma das suas maiores paixões. E, aqui, o advérbio “cientificamente” é quase vago porque o que vem primeiro é mesmo o desejo de higienização de toda forma de vício, sujeira, enfim, de humanidade não correta. Nosso maior pecado contemporâneo é não reconhecer que a humanidade do humano está além do modo “correto” de viver. E vamos pagar caro por isso porque um mundo só de gente “saudável” é um mundo sem Eros.

(Luiz Felipe Pondé. “Gosto que cada um sente na boca não é da conta do governo”. *Folha de S.Paulo*, 14/03/2012. Adaptado.)

Na concepção do autor, o totalitarismo

- a) é um sistema político exclusivamente relacionado com o fascismo e o comunismo.
- b) inexistente sob a égide de regimes políticos institucionalmente democráticos e liberais.
- c) depende necessariamente de controles de natureza policial e repressiva dos comportamentos.
- d) mobiliza a ciência para estabelecer critérios de natureza biopolítica sobre a vida.
- e) estabelece regras de comportamento subordinadas à autonomia dos indivíduos.

8. (UNESP/2014) A condenação à violência pode ser estendida à ação dos militantes em prol dos direitos animais que depredaram os laboratórios do Instituto Royal, em São Roque. A nota emocional é difícil de contornar: 178 cães da raça *beagle*, usados em testes de medicamentos, foram retirados do local. De um lado, por mais que seja minimizado e controlado, há o sofrimento dos bichos. Do outro lado, está nosso bem maior: nas atuais condições, não há como dispensar testes com animais para o desenvolvimento de drogas e medicamentos que salvarão vidas humanas.

(Direitos animais. *Veja*, 25/10/2013.)

Sob o ponto de vista filosófico, os valores éticos envolvidos no fato relatado envolvem problemas essencialmente relacionados

- a) à legitimidade do domínio da natureza pelo homem.
- b) a diferentes concepções de natureza religiosa.
- c) a disputas políticas de natureza partidária.
- d) à instituição liberal da propriedade privada.
- e) aos interesses econômicos da indústria farmacêutica.

9. (UFSM/2013) Leonardo Boff inclui a generosidade como uma pilastra de um modelo adequado de sustentabilidade. Ele a caracteriza do seguinte modo: Generoso é aquele que comparte, que distribui conhecimentos e experiências sem esperar nada em troca. Já os clássicos da filosofia política, como Platão e Rousseau, afirmavam que uma sociedade não pode fundar-se apenas sobre a justiça. Ela se tomaria inflexível e cruel. Ela deve viver também da generosidade dos cidadãos, de seu espírito de cooperação e de solidariedade voluntária.

Considere as seguintes afirmações:

- I. Segundo o texto, generosidade e justiça podem ser complementares uma à outra.
- II. Segundo o texto, se uma sociedade é inflexível e cruel, então ela está fundada apenas sobre a justiça.
- III. Já na ética aristotélica, a generosidade é uma virtude e a extravagância e a avareza são os vícios correlacionados a ela.

Está(ão) CORRETA(S)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas I e III.
- d) apenas II e III.
- e) I, II e III.



10. (UEG/2013) O ser humano, desde sua origem, em sua existência cotidiana, faz afirmações, nega, deseja, recusa e aprova coisas e pessoas, elaborando juízos de fato e de valor por meio dos quais procura orientar seu comportamento teórico e prático. Entretanto, houve um momento em sua evolução histórico-social em que o ser humano começa a conferir um caráter filosófico às suas indagações e perplexidades, questionando racionalmente suas crenças, valores e escolhas. Nesse sentido, pode-se afirmar que a filosofia

- a) é algo inerente ao ser humano desde sua origem e que, por meio da elaboração dos sentimentos, das percepções e dos anseios humanos, procura consolidar nossas crenças e opiniões.
- b) existe desde que existe o ser humano, não havendo um local ou uma época específica para seu nascimento, o que nos autoriza a afirmar que mesmo a mentalidade mítica é também filosófica e exige o trabalho da razão.
- c) inicia sua investigação quando aceitamos os dogmas e as certezas cotidianas que nos são impostos pela tradição e pela sociedade, visando educar o ser humano como cidadão.
- d) surge quando o ser humano começa a exigir provas e justificações racionais que validam ou invalidam suas crenças, seus valores e suas práticas, em detrimento da verdade revelada pela codificação mítica.

11. (UEG/2013) Ganhar mais de 40 medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos é fácil. Determine que todas as escolas de seu país descubram os alunos de 3 a 13 anos que mais se destacam nas aulas de Educação Física. Separe-os da família e interne-os em escolas de esportes até a idade adulta. Distribua-os entre os esportes olímpicos em que têm mais chances de medalha olímpica. Esse é, pelo menos, o modelo que funcionou para a China nos jogos de Pequim.

(ESPECIAL OLIMPIADAS. *Época*, Globo, ed. 536, 25 ago. 2008. p. 153.)

O trecho da reportagem da revista *Época* enfoca o esforço nacional chinês para obter sucesso nos Jogos Olímpicos de Pequim. Em termos comparativos, os atuais estudos de História Antiga atestam que na Grécia, berço dos jogos, existia grande competitividade entre as cidades-Estados. Filosoficamente, esse espírito competitivo dos helenos atesta que

- a) a preparação física, intelectual e cidadã dos jovens gregos era feita em conjunto, portanto, uma vitória esportiva também representava um triunfo moral.
- b) a realidade dos Jogos Olímpicos da Antiguidade Clássica difere muito das Olimpíadas modernas, não sendo possível traçar nenhum tipo de comparação entre elas.
- c) o estabelecimento de modalidades, como arco e flecha e tiro ao alvo, em que a concentração é mais importante do que a força, preserva o espírito olímpico.
- d) o lema “o importante é competir” não foi levado em consideração durante a preparação dos atletas olímpicos chineses.

12. (UEMA/2006) Coloque V (verdadeiro) ou F (falso) nas inferências relacionadas às características da atividade filosófica:

- (    ) A filosofia é uma forma de pensar acerca de certas questões. A sua característica fundamental é o uso de argumentos lógicos.
- (    ) Os filósofos analisam e clarificam conceitos.
- (    ) Os filósofos ocupam-se de questões acerca da religião, da política, da arte, dentre outras, que podemos chamar vagamente “o sentido da vida”.
- (    ) A filosofia é uma ciência da mesma forma que a biologia.
- (    ) A radicalidade, particularidade e visão de conjunto são características fundamentais da reflexão filosófica.

Marque a alternativa que apresenta a sequência CORRETA de cima para baixo:

- a) V, V, V, V, F.
- b) V, V, V, F, V.
- c) F, F, V, V, F.
- d) V, F, V, V, F.
- e) V, V, V, F, F.

13. (UDESC/2006) Os atuais filósofos da educação afirmam que o fundamental na educação de nossos alunos é filosofar e não só filosofia. O que é filosofar?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

14. (UDESC/2007) Afirma-se, comumente, que as principais características da filosofia são a reflexão e a atitude crítica. Nesse horizonte, estabeleça a diferença entre a filosofia e o senso comum.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

15. (UFMA/2008) O senso comum se caracteriza por ser:

- I. um conhecimento valorativo, em que cada coisa ou fato nos afeta de maneira diferente.
- II. um conhecimento generalizador, pois reúne um certo número de fenômenos sob as mesmas leis.
- III. um conhecimento subjetivo que expressa um saber da nossa sociedade ou do nosso grupo social.

Dos itens acima, pode-se concluir:

- a) somente I e III estão corretos.
- b) somente II e III estão incorretos.
- c) somente I está incorreto.
- d) todos estão incorretos.
- e) todos estão corretos.

16. (UNIOESTE/2009) “A filosofia nasceu como uma forma de pensar específica, como interrogação sobre o próprio homem como ser no mundo, quando o homem passou a confrontar-se com as entidades míticas e religiosas e procurou uma explicação racional para a sua existência e a existência das coisas”. (A. A. P. Mendes)

Sobre a Filosofia, é **INCORRETO** afirmar que

- a) a Filosofia é uma reflexão crítica sobre o conhecimento, sobre a ação e sobre o Ser.
- b) a ciência atual superou completamente o pensamento filosófico.
- c) a Filosofia pode ser considerada a superação do pensamento mítico.
- d) a Filosofia nasceu na Grécia do século VI a.C.
- e) a Filosofia sofreu mudanças desde seu surgimento.

17. (UEM/2009) O homem tem necessidade de conhecer e de explorar o meio em que vive. O senso comum, o bom senso, a arte, a religião, a filosofia e a ciência são formas de saber que auxiliam o homem a entender o mundo e a orientar suas ações.

Assinale o que for CORRETO.

- 01) O senso comum é o conhecimento adquirido por exigências da vida cotidiana; fornece condições para o agir, todavia é um conjunto de concepções fragmentadas, recebidas sem crítica e, muitas vezes, incoerentes, tornando-se, assim, fonte de preconceitos.
- 02) O bom senso, ao contrário do senso comum, apresenta-se como uma elaboração refletida e coerente do saber; em vez da aceitação cega de determinações alheias, pelo bom senso o sujeito livre e crítico questiona os valores estabelecidos e decide pelo que se revela mais sensato ou plausível.
- 04) A ciência caracteriza-se como um sistema de conhecimentos, expressos em proposições gerais e objetivas sobre a realidade empírica; é um conhecimento construído por um processo de raciocínio rigoroso e metodicamente conduzido, baseado na experiência, permitindo explicar, prever e atuar sobre os fenômenos.
- 08) Religião e filosofia são duas formas antagônicas de interpretação da realidade; a filosofia, unicamente com o raciocínio lógico-formal, busca entender apenas o mundo natural e o humano; a religião ocupa-se apenas da razão.
- 16) O conhecimento filosófico caracteriza-se como um saber elucidativo, crítico e especulativo; como elucidativo, visa a esclarecer e a delimitar conceitos e problemas; como crítico, nada aceita sem exame prévio e reflexão; como especulativo, assume a atitude teórica e globalizadora, que envolve os problemas em uma visão total.

18. (UFSJ/2010) Sobre o conceito Filosofia, assinale a alternativa CORRETA.

- a) É o exame do conhecimento em sua generalidade que se desdobra por meio da dialética humana: da prática ao conhecimento e desse conhecimento de retorno à prática.
- b) É um exercício sistemático do pensar com clara inspiração científica.
- c) É, por si mesma, uma interface sistemático-conceitual que busca ser a extensão do conhecimento rigoroso e sistematizado.
- d) É uma análise lógico-crítica da realidade.

19. (UFSJ/2010) Assinale a alternativa CORRETA em relação ao objeto da Filosofia.

- a) O objeto da Filosofia é, notadamente, o Conhecimento considerado em toda a sua amplitude, a partir do processo da elaboração cognitiva, que é propriamente o pensamento e a *comunicação* dessa atividade pensante.
- b) A Filosofia tem por objeto a expressão de tudo o que pode o Homem pensar.
- c) O objeto de estudo da Filosofia é idêntico ao objeto de estudo da Ciência, sendo que a sua convergência é orientada pelo método experimental utilizado por ambos.
- d) A Filosofia tem na Teoria do Conhecimento o seu objeto e a sua mais ampla conceituação, uma vez que essa teoria é a expressão máxima de tudo o que se pode entender por Filosofia.

20. (UNIOESTE/2010) “*Reflexão* significa movimento de volta sobre si mesmo ou movimento de retorno a si mesmo. A reflexão é o movimento pelo qual o pensamento volta-se para si mesmo, interrogando a si mesmo. A reflexão filosófica é *radical* porque é um movimento de volta do pensamento sobre si mesmo para conhecer-se a si mesmo, para indagar como é possível o próprio pensamento. Não somos, porém, somente seres pensantes. Somos também seres que agem no mundo. [...] A reflexão filosófica também se volta para essas relações que mantemos com a realidade circundante, para o que dizemos e para as ações que realizamos nessas relações.” (M. Chauí)

Sobre a Filosofia, conforme o texto acima, seguem as seguintes afirmações:

- I. Independentemente de seu conteúdo ou objeto, uma característica fundamental da Filosofia é a indagação, a interrogação.
- II. A Filosofia direciona perguntas como “o que é?”, “por que é?” e “como é?” ao mundo que nos cerca, ao próprio homem e às relações que o homem estabelece.
- III. A Filosofia não é algo importante porque não somos apenas seres pensantes.
- IV. A reflexão sobre o conhecer e o agir humanos fazem parte da reflexão filosófica.
- V. A reflexão filosófica é radical porque é feita sem nenhum tipo de objetivo.

Das afirmações feitas acima

- a) apenas as afirmativas I, II e IV estão corretas.
- b) apenas as afirmativas I, II e III estão corretas.
- c) apenas as afirmativas I, II, III e V estão corretas.
- d) todas as afirmativas estão corretas.
- e) todas as afirmativas estão incorretas.

21. (UNIMONTES/2010) A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras e preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes, a partir das divisões na esfera da produção. Pelo contrário, a função da ideologia é a de apagar as diferenças, como as de classes, e de fornecer aos membros da sociedade o sentimento da identidade social, encontrando certos referenciais identificadores de todos e para todos, como, por exemplo, a Humanidade, a Liberdade, a Igualdade, a Nação, ou o Estado.

(CHAUI, M. O que é Ideologia. São Paulo: Brasiliense, 1980. Cf. ARANHA, M. ARRUDA, M. *Filosofando*. São Paulo: Moderna, 2003.)

Das alternativas a seguir, qual não apresenta características fundamentais da ideologia?

- a) Assegura a *coesão* social e a *aceitação sem críticas* das tarefas mais penosas e pouco recompensadoras, em nome da vontade de Deus ou do dever moral.
- b) É uma *mentira* que os indivíduos da classe dominante inventam para subjugar os da classe dominada.
- c) Mantém a *dominação* de uma classe sobre a outra.
- d) Constitui um corpo sistemático de *representações* que nos “ensinam” a pensar e de normas que nos “ensinam” a agir.



22. (UNCISAL/2011) Segundo Marilena Chaui, a resposta à pergunta “O que é filosofia?” poderia ser: “a decisão de não aceitar como óbvias e evidentes as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana; jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido”.

(Convite à filosofia.)

Após ler com atenção essa definição, assinale a alternativa CORRETA.

- a) A filosofia identifica-se inteiramente com o senso comum.
- b) As reflexões filosóficas apresentam o mesmo nível qualitativo das reflexões cotidianas.
- c) Filosofar significa apresentar um ponto de vista crítico sobre a realidade.
- d) A filosofia deve, necessariamente, apresentar um ponto de vista místico ou religioso sobre a realidade.
- e) Todo filósofo é necessariamente ateu.

23. (UNIOESTE/2011) “Só se pode entender o que é a filosofia, a que ponto ela não é uma coisa abstrata – da mesma forma que um quadro ou uma obra musical não são absolutamente abstratos –, só através da história da filosofia, com a condição de concebê-la corretamente. (...) Há uma coisa que me parece certa: um filósofo não é uma pessoa que contempla e também não é alguém que reflete. Um filósofo é alguém que cria. Só que ele cria um tipo de coisa muito especial, ele cria conceitos. Os conceitos não nascem prontos, não andam pelo céu, não são estrelas, não são contemplados. É preciso criá-los, fabricá-los em função dos problemas que são constituídos, problemas que o pensamento enfrenta e que têm um sentido. [Em suma,] fazer filosofia é constituir problemas que têm um sentido e criar os conceitos que nos fazem avançar na compreensão e na solução dos problemas”.

(Gilles Deleuze)

Sobre o excerto acima seguem as seguintes afirmações:

- I. Para Deleuze a tarefa do filósofo é criativa.
- II. Conforme a concepção de Deleuze, cabe à filosofia contemplar e refletir sobre os problemas que existem desde sempre e, para eles, encontrar conceitos que verdadeira e definitivamente os solucionem.
- III. A filosofia é uma atividade criativa, assim como a arte, no entanto, o que ela cria são conceitos.
- IV. Deleuze retira do filósofo o direito à reflexão sobre o mundo ou sobre o que os outros filósofos pensaram.

Dessas afirmações,

- a) apenas uma está correta.
- b) apenas uma está incorreta.
- c) duas estão corretas e duas estão incorretas.
- d) todas estão corretas.
- e) todas estão incorretas.

24. (UNICENTRO/2012) A prática filosófica exige do sujeito disposição para o questionamento e a indagação. Desconfiar do óbvio é uma das exigências da reflexão filosófica. Com base nessa afirmativa e em seus conhecimentos filosóficos, é CORRETO afirmar que a prática filosófica

- a) é necessária, pois promove a abertura mental, possibilitando mudanças na vida do ser humano.
- b) não enxerga nada da realidade, pois seu objeto é apenas transcendental.
- c) é igual a qualquer outra prática humana, por ser apenas informação.
- d) não trabalha com o pensamento racional.
- e) necessita apenas de bom senso.

25. (UPE/2012) A atitude filosófica inicia-se dirigindo indagações ao mundo que nos rodeia e às relações que mantemos com ele. Pouco a pouco, porém, descobre que essas questões se referem, afinal, à nossa capacidade de conhecer, à nossa capacidade de pensar

(CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*, 1996, p. 14.)

Sobre isso, é CORRETO afirmar que a Filosofia

- a) pode ser entendida como aspiração ao conhecimento sensível, lógico e assistemático da realidade natural e humana.
- b) é tão somente uma forma consciente e acrítica de pensar e de agir.
- c) é uma forma crítica e incoerente de pensar o mundo, produzindo um entendimento de seu significado e formulando uma concepção específica desse mundo.
- d) designava, desde a Grécia Antiga, a particularidade do conhecimento sensitivo, desenvolvido pelo homem.
- e) como forma consciente e crítica de compreender o mundo e a realidade não se confunde, de maneira alguma, com o fato de estar “investida” inconscientemente de valores adquiridos com base no “senso comum”.

## ■ GABARITO

### Resposta da questão 1

A filosofia enquanto forma de conhecimento é considerada pela quase totalidade de estudiosos como de origem grega devido às condições específicas ocorridas na antiguidade que permitiram seu surgimento. Fatores como: navegações, invenção da moeda, da escrita, das leis e principalmente da “pólis” (cidade), somados à insatisfação intelectual em relação à forma de como compreendiam o mundo, possibilitaram o estabelecimento de um modo mais coerente de pensar a realidade. Com o passar do tempo, essa forma de saber, desenvolveu-se autonomamente, expandindo-se por todos os povos que tiveram contato com a cultura grega. A filosofia pode ser considerada eurocêntrica, pois o continente Europeu foi o lugar que herdou dos gregos esta forma de saber. Foi principalmente na Europa onde ocorreu o desenvolvimento, a expansão e a divulgação da reflexão filosófica de forma sistematizada.

A Filosofia tem como características: o caráter reflexivo, a argumentação racional, a investigação radical, a sistematização do saber e a análise de conjunto.

O desenvolvimento da filosofia possibilitou por sua vez o desenvolvimento do conhecimento científico. Desta forma, as ideologias, as doutrinas dogmáticas, mitologias não refletidas e o senso comum vão contra as características do saber filosófico e científico e se constituem como impeditivos para o desenvolvimento do conhecimento científico.

### Resposta da questão 2

O papel das ideologias é dar um sentido legitimador para as contradições sociais, a fim de que pareçam coerentes e até desejáveis. Assim, as ideologias produzidas pela classe dominante possuem um papel vital no condicionamento da razão humana dentro do espaço social. Esta condição imposta à consciência submete a razão a um domínio, tornando-a impotente e legitimando a dominação de uma classe que lucra, de algum modo, sobre a outra, criando um cativo. Sob tal cativo, fica impossível traçar vias para consolidar valores democráticos, acessíveis a todos, assim como construir uma sociedade menos desigual e mais equitativa.

A reflexão emancipatória é alcançada quando se percebe que as ideologias não coincidem com a realidade. Para que isto seja possível, é necessário deixar de lado os dogmas impostos pela classe dominante, transcender os preconceitos e criar uma consciência de si enquanto ser existente na realidade coletiva. Por meio da emancipação da razão, é possível propor projetos honestos e democráticos para a transformação social.

### Resposta da questão 3: [C]

Foucault entende o poder não como um objeto natural, mas como uma prática social expressa por um conjunto de relações. Temos que pensar o poder não como uma “coisa” que uns têm e outros não, como, por exemplo, o pai e o filho, o rei e seus súditos, o presidente e seus governados, etc., mas como uma relação que se exerce, que opera entre os pares: o filho que negocia com o pai, os súditos que reivindicam ao rei, os governados que usam dispositivos legais para fiscalizar o presidente, etc. Deste ponto de vista, poder não se restringe ao governo, mas espalha-se pela sociedade em um conjunto de práticas, a maioria delas essencial à manutenção do Estado. O poder é uma espécie de rede formada por mecanismos e dispositivos que se espalham por todo cotidiano – uma rede da qual ninguém pode escapar. Ele molda nossos comportamentos, atitudes e discursos. Compreender o Estado como portador do poder é um equívoco, pois, além de ser dispendioso, o poder externo não é capaz de dar conta dos corpos individuais, este poder

não permeia a vida e não é capaz de controlar os indivíduos. Os micropoderes atuam de forma capilar e moldam por meio dos instrumentos do Estado as reações, domesticando os indivíduos, hierarquizando-os, normatizando comportamentos em suas relações. Isto ocorre desde as relações mais simples até as relações mais complexas, criando condições para estabelecer uma disciplina social ampla.

#### **Resposta da questão 4: [A]**

No texto da questão, dois pontos são destacados como referentes ao papel dos direitos humanos, sendo eles: o “caráter racional e regulador da vida humana” e “ratificam a ordenação normativa para comandar a sociedade”. Essas afirmações encontram respaldo na filosofia política dos contratualistas que estabelece que os direitos inerentes aos seres humanos, e que não estão sujeitos à discussão, pois surgem devido à conveniência dos homens que abrem mão de sua liberdade para viverem em sociedade. Assim, surge o direito natural como polo regulador dos limites que a sociedade organizada não pode ultrapassar na consolidação de sua estrutura. Contudo, o texto nos coloca que devido ao progresso das ciências atualmente se descaracterizou sua fundamentação, passando estes a serem tratados como conceitos obsoletos que podem ser questionados livremente sem que haja qualquer empecilho, caso se julgue que eles não atendam mais as concepções vigentes. Portanto, da mesma forma, os direitos humanos não se fazem mais uma garantia absoluta para a proteção a vida, mas constituem-se como meras referências formais na realidade universal.

#### **Resposta da questão 5: [E]**

Desde o surgimento da filosofia a característica mais marcante em toda sua trajetória foi o espanto que o mundo gerava. Devido às condições políticas e históricas que possibilitaram o surgimento de um novo modo de pensar o mundo que se revelava aos homens, isto fez com que os homens buscassem explicações ante os fenômenos naturais que aconteciam a sua volta e tentassem compreender sua origem e significado. A filosofia em seus primórdios buscava explicações que não dependessem do sobrenatural, mas que pudessem ser mais próximas à realidade na qual estava inserida. Os pré-socráticos buscaram por meio da *physis* (natureza) encontrar o *arché* (princípio). Nessa busca, o “cosmos” (universo) fascinava os humanos e conduzia-os, primeiramente, a uma condição de espanto ante a realidade. Como surgimento de explicações mais ligadas à realidade vivida, levou-os à admiração pelo encadeamento e funcionamento da natureza. O caráter problematizador e questionador era recurso utilizado para se produzir teorias que seriam expostas no intuito de persuadir os interlocutores ante as descobertas realizadas. Mas isto somente surge posteriormente. A admiração é o motor para se desejar filosofar e compreender mais sobre a realidade e sobre o homem.

#### **Resposta da questão 6: [D]**

O período moderno da filosofia se caracterizou por dois movimentos, a saber, a dúvida e o método. A dúvida colocou em questão aquilo que se tinha por conhecimento – vale ressaltar que a filosofia moderna tem seu início geralmente demarcado no século XVII – e o método buscou reconstruir o conhecimento de modo que não se pudesse dele duvidar. Porém, esta ausência de dúvida não significa dogmatismo, mas sim o esforço da dedicação à filosofia, ao estudo da sabedoria, ao bem aplicar o espírito.

“Este é o método que segui, e que tu, se te aprouver, poderás utilizar. Pois não te recomendo o meu, apenas o proponho. Contudo, qualquer que seja o método que empregares, gostaria muito de recomendar-te a filosofia, isto é, o estudo da sabedoria, por falta do qual todos sofremos recentemente muitos males”.

(T. Hobbes. *Do Corpo – Cálculo ou Lógica*. Campinas: Editora Unicamp, 2009, 15.)

“O bom senso é a coisa do mundo melhor partilhada, pois cada qual pensa estar tão bem provido dele, que mesmo os que são mais difíceis de contentar em qualquer outra coisa não costumam desejar tê-lo mais do que o têm. E não é verossímil que todos se enganem a tal respeito; mas isso antes testemunha que o poder de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso, que é propriamente o que se denomina o bom senso ou a razão, é naturalmente igual em todos os homens; e, destarte, que a diversidade de nossas opiniões não provém do fato de serem uns mais racionais do que outros, mas somente de conduzirmos nossos pensamentos por vias diversas e não considerarmos as mesmas coisas. Pois não é suficiente ter o espírito bom, o principal é aplicá-lo bem. As maiores almas são capazes dos maiores vícios, e os que só andam muito lentamente podem avançar muito mais, se seguirem sempre o caminho reto, do que aqueles que correm e dele se distanciam”.

(R. Descartes. *Discurso do método*. In: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 29.)

### Resposta da questão 7: [D]

No texto em questão, o autor se refere ao problema da governança confundir ou até atravessar as esferas pública e privada dominando os cidadãos através de discursos que buscam domesticar e higienizar a ação humana através do “científico”, ou da “saúde pública”.

“O Estado-Cientista, forma privilegiada da autoridade soberana dos países industrializados, organiza-se como estrutura total da sociedade. Pretende ser uma síntese entre os três níveis constitutivos das coletividades: o domínio privado, a atividade econômica e a ordem estatal. A dominação política penetra a realidade até constituí-la. Fortalecida por seu aparelho técnico-científico e industrial, ela impõe seu poder, fabricando o tempo e o espaço, construindo a terra e o céu”.

(F. Châtelet. *História das ideias políticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009, p. 332.)

Para lembrarmos a principal referência do texto citado na questão:

“Em sua maravilhosa descrição de um futuro maníaco por saúde e felicidade, Huxley diagnostica a grande e insuspeita vítima do novo totalitarismo do bem: a morte da liberdade em nome da felicidade limpinha do mundo. O governo deveria deixar as pessoas sentirem o gosto que quiserem em suas bocas”.

(Luiz Felipe Pondé. “Gosto que cada um sente na boca não é da conta do governo”.  
Folha de S. Paulo, 14/03/2012.)

### Resposta da questão 8: [A]

A questão aborda a discussão da questão ética, mais especificamente da Bioética, relacionando dois pontos principais: a busca de alternativas para possibilitar uma melhor condição de vida aos humanos e o uso dos seres e elementos da natureza para a obtenção de um fim proposto. Aristóteles justifica a ética como a prática da virtude na busca do “Bem Maior”. A realização plena do homem somente acontece na vida da cidade, sendo necessário submeter aquilo que é exterior ao homem, neste caso, a natureza, a um domínio, a um fim para alcançar uma melhor qualidade de vida a todos. Desta maneira, o domínio da natureza tem de enfrentar situações que geram debates sobre sua validade e viabilidade. Porém, deve-se considerar que para aqueles que, no caso, militam em favor dos direitos dos animais, somente puderam tomar esta atitude devido ao seu enquanto seres humanos. Isto só foi possível devido às intervenções realizadas na natureza. Portanto, se considerarmos o argumento exposto anteriormente aliado à capacidade racional do ser humano, que se revela pela ação de pensar sua própria existência e mudar aquilo que consideram essencial para sua realização, encontramos motivos mais que suficientes para justificar o domínio do meio.



**Resposta da questão 9: [C]**

Essa questão possui inúmeras imprecisões. No texto citado, a tese e a caracterização de uma parte importante da tese estão perfeitas: a generosidade é uma pilastra da sustentabilidade e generoso é aquele que compartilha sem esperar ou exigir algo em troca. Porém, a expectativa de uma contraposição – estabelecida pelo uso da palavra “já” – é completamente desfeita pelo uso dos clássicos da filosofia para simplesmente reafirmar aquilo enunciado anteriormente. Não sendo bastante a falta de coerência do texto, há também uma enorme imprecisão quando se diz, por exemplo, que Platão não considerava a justiça como algo suficiente para constituição de uma cidade feliz, boa. Ora, isso é completamente absurdo, pois a justiça é para Platão a virtude necessária e suficiente para o estabelecimento de uma cidade feliz (cf. *A República*). E Rousseau estabelece que o contrato social nasce da vontade geral e a sociedade deve sempre subordinar-se a esta vontade geral, de modo que a justiça é também suficiente para manter a saúde de uma sociedade, isso enquanto ela for o reflexo da vontade geral.

Além disso, a afirmação “II. segundo o texto, se uma sociedade é inflexível e cruel, então ela está fundada apenas sobre a justiça” parece-nos correta, pois “os clássicos da filosofia política, como Platão e Rousseau, afirmavam que uma sociedade não pode fundar-se apenas sobre a justiça. Ela se tomaria inflexível e cruel”. Discordamos, portanto, do gabarito.

A afirmação III poderia se servir de uma citação, pois não está muito claro onde Aristóteles define a generosidade como uma virtude importante.

**Resposta da questão 10: [D]**

A filosofia nasce, historicamente, em um período da Grécia antiga no qual se modificava a maneira com que os homens se relacionavam. Sendo que os mitos organizavam toda a vida social, consolidando práticas e cerimônias religiosas nas famílias, entre as famílias, nas tribos, entre cidades, etc., a sua modificação, ou até extinção, inevitavelmente faria renascer, distinta, a organização das relações dos homens entre eles mesmos nas casas e na cidade. A filosofia, por conseguinte, tem sua origem em duas modificações, uma contextual e outra subjetiva, isto é, uma modificação na cidade e outra no próprio homem. As modificações da cidade e da própria subjetividade se confundem, pois a própria cidade deixa de se conformar com certas tradições religiosas e a própria subjetividade, com o passar das gerações, deixa de prezar os valores ancestrais organizados nos mitos. Com essas mudanças, a cidade e o homem passam a se constituir a partir de outras práticas consideradas fundamentais, como o pensamento racional – um pensamento com começo, meio e fim e justificado pela a experiência do mundo, sem o auxílio de entes inalcançáveis.

**Resposta da questão 11: [A]**

A questão de vestibular não possui qualquer referência plausível à filosofia de fato. A simples alusão a certo tipo de educação e a simples vinculação de uma vitória esportiva a um triunfo moral não consolidam qualquer referência filosófica plausível. A questão não expõe nenhum pensamento de qualquer filósofo e mal faz uma análise sustentável da época do nascimento da filosofia para estabelecer uma resposta que possa ser adverbizada “filosoficamente”. Porém, talvez, filosoficamente, o espírito olímpico pudesse amostrar uma disciplina e uma beleza vinculadas à virtude promovida pelos filósofos antigos e reflexões estéticas sobre ideais por eles também realizadas.

### **Resposta da questão 12: [E]**

Sobre as características da Filosofia, podemos dizer que somente as duas últimas afirmações são falsas. A Filosofia não é uma ciência. Isso se verifica, por exemplo, no seu caráter generalista, que contraria a visão particularista, própria da ciência, que particiona o conhecimento da realidade em diversas áreas, como a biologia, a física, a matemática, a geografia, entre outras.

### **Resposta da questão 13**

Filosofar pode ser considerado como a atitude de reflexão e de problematização das verdades incorporadas pelo senso comum e pelo pensamento dogmático, além da busca por critérios válidos de investigação das verdades e da origem das coisas para que os estudantes criem uma autonomia no seu pensamento e não sejam facilmente enganados e manipulados.

### **Resposta da questão 14**

A Filosofia propriamente dita surge no momento em que o exercício do pensar torna-se objeto de reflexão, ou seja, no instante em que o homem retoma o significado de seus atos e dos seus pensamentos e nesta hora é chamado a pensar o já pensando. A atitude crítica na filosofia não faz afirmação apenas, mas se obriga a justificar o pensamento com argumentos que evita contradições e ambiguidades.

Senso comum é aquele conhecimento adquirido por tradição, herdado dos antepassados, ao qual, ao longo da experiência vivida, acrescentamos seus resultados a partir do coletivo em que vivemos. Esse conjunto de ideias permite-nos interpretar a realidade, bem como de um corpo de valores que nos ajuda a avaliar, julgar e agir.

### **Resposta da questão 15: [A]**

Marilena Chaui, em seu livro *Convite à Filosofia*, apresenta algumas características do senso comum, como, por exemplo, ser subjetivo, qualitativo, heterogêneo, individualizador e também generalizador. Entretanto, deve-se considerar que a presente questão rejeita a possibilidade de o senso comum ser considerado como um conhecimento generalizador. Isso porque, comparada com a ciência, a generalização do senso comum não diz respeito à criação de leis, mas somente à criação de ideias generalizantes, como a de plantas, gatos, crianças, por exemplo.

### **Resposta da questão 16: [B]**

A ideia de que a ciência pode superar a Filosofia enquanto forma de pensamento é falsa. Filosofia e ciência constituem-se em formas diversas de conhecimento. Ambas opõem-se ao senso comum, entretanto, enquanto que a ciência corresponde a uma forma de conhecimento objetivo, que necessita de um objeto específico de investigação e um método adequado, a filosofia não se limita a um único objeto, podendo abarcar uma melhor noção de totalidade e possibilitando a construção de conceitos e modelos interpretativos bastante heterogêneos.

### **Resposta da questão 17: 23 (01 + 02 + 04 + 16)**

O senso comum trata-se de um conjunto de ideias que nos permite interpretar a realidade, bem como de um corpo de valores que nos ajuda a avaliar, julgar e, portanto, agir; assim, não é refletido e encontra-se misturado a crenças e preconceitos. O senso comum é não crítico porque é ingênuo; fragmentário porque é difuso e muitas vezes sujeito

a incoerências e conservador porque resiste às mudanças. O senso comum precisa ser transformado em bom senso, o que significa que este elabora com coerência a explicação das intenções conscientes dos indivíduos para aquilo que se quer saber. Segundo Gramsci, filósofo, o bom senso é “o núcleo sadio do senso comum”, porém, essa passagem de um para outro não é assim tão fácil e um dos entraves nesse processo encontra-se na difusão da ideologia.

A arte, a filosofia, a religião e a ciência, embora hoje em dia, cada qual com sua particularidade e visão de mundo, auxiliam-nos na busca por uma consciência reflexiva e na formação do sujeito do conhecimento.

### **Resposta da questão 18: [A]**

A presente questão utiliza a definição de Caio Prado Júnior, em seu texto *O que é Filosofia*. Ainda que tal definição não seja unânime, ela é a mais completa dentre as alternativas. Vale ressaltar que a Filosofia não corresponde a uma ciência e não se limita a uma análise lógico-crítica.

### **Resposta da questão 19: [A]**

A presente questão retoma a definição de Caio Prado Júnior a respeito da filosofia. Para ele, o grande problema teórico da filosofia é o Conhecimento. Vale ressaltar que a filosofia não pode ser entendida como uma simples extensão ou alguma coisa similar à ciência. Pelo contrário, seus objetos de investigação são outros, bem como o seu método de análise.

### **Resposta da questão 20: [A]**

A atividade filosófica é uma reflexão do homem, interrogando a si mesmo e o mundo, bem como refletindo sobre as condições que possibilitam o pensamento. Todas as afirmações estão de acordo com essa perspectiva, com exceção das afirmações III e V, pois contrariam a característica humana de ser pensante, além de definirem mal a radicalidade filosófica.

### **Resposta da questão 21: [B]**

A ideologia é uma forma de compreender a realidade e de se relacionar com ela. Ainda que haja um elemento de ocultação da realidade, não podemos compreender a ideologia como uma mera “mentira”. Segundo a análise marxista, ela é fruto das relações materiais de produção da existência, não surgindo da intenção racional da classe dominante subjugar a classe dominada, mas das próprias relações que se estabelecem entre elas.

### **Resposta da questão 22: [C]**

A questão exige do aluno somente uma boa leitura do enunciado. Neste, Marilena Chauí apresenta a concepção de filosofia como uma atividade crítica, que está expressa somente na alternativa [C]. Todas as outras são absurdas.

### **Resposta da questão 23: [B]**

Pode-se dizer que somente a afirmativa II é incorreta. Esta afirma justamente aquilo que Deleuze está criticando: uma concepção de filosofia como contemplação ou reflexão. É por esse mesmo motivo que a afirmativa IV é considerada como correta, ainda que possa gerar discussões. Na medida em que Deleuze critica a visão de que o filósofo é alguém que reflete, essa afirmativa é considerada como correta.

**Resposta da questão 24: [A]**

A questão exalta a importância da prática filosófica para a vida das pessoas. Sendo uma prática questionadora, sistemática e racional, ela oferece novas possibilidades para aqueles que assim questionam o mundo.

**Resposta da questão 25: [E]**

A filosofia é uma reflexão sistemática, radical, coerente e crítica sobre o mundo que nos rodeia e sobre o próprio homem. A única alternativa que não contraria essas características é a [E], sendo, por isso, a única correta.





